



Movimento Familiar Cristão - Brasil



Apenas os que dialogam podem
construir pontes e vínculos.
Papa Francisco

84
fato
e razão

CONVERSA COM OS LEITORES

Na reunião do Conselho de Coordenação Nacional (CONDIN) do MFC, realizada em São Luís (MA), no mês de setembro, nos foi sugerido que aproveitássemos os temas que mereceram destaque no último Encontro Nacional para montarmos a pauta da Revista.

A lista desses temas inclui: Combate às drogas; Manipulação da Mídia; Desigualdade Social; Desestruturação da Família; A Igreja diante a família e do consumismo; Benefícios e maléficos da tecnologia, dentre outros.

Sintonizados com a mencionada sugestão já vínhamos abordando, em números anteriores, temáticas dentro das linhas do que foi sugerido, mas procurando corresponder ainda mais àquela expectativa, destacamos nesta edição os seguintes assuntos: "A peste do século XXI"; "As dez estratégias da manipulação midiática"; "A práxis cristã na cultura da comunicação", "A família do futuro será sem violência?" dentre outros de igual importância e interesse.

A busca da plena interação com nossos leitores é uma constante preocupação do Conselho Editorial.

Esperamos estar caminhando nesse sentido.

Os Editores

Dezembro
2013

84 **fato** e razão

Movimento Familiar Cristão
www.mfc.org.br

Conselho Diretor Nacional

Francisca e José Hildo Pereira de Oliveira
Maria Inês e Gerson Pereira Pepe
Marisa e José Galdino Ulysses
Raimunda e Francisco de Assis Rocha Albuquerque
Sônia e Adalberto Rezende de Jesus

Editoria e Redação

Arlete e João Borges
Itamar David Bonfatti
Jesuliana do Nascimento Ulysses
Maria do Carmo Freitas Schmitz
Marly e José Maurício Guedes
Rita e Luiz Carlos Torres Martins
Hélio Amorim
Terezinha e Oscavo Homem de C.Campos
Rua Barão de Santa Helena, 68
36010-520 Juiz de Fora-MG

Distribuidora Fato e Razão

Atendimento Assinaturas
Livraria do MFC
Pedidos de Publicações MFC
Rua Barão de Santa Helena, 68
36010-520 Juiz de Fora-MG
Telefone: (32)3214-2952 de 13:00 às 17:00h
E-mail: livraria.mfc@gmail.com

CTP Pré-Flight e Impressão

DI Gráfica
Av. Rui Barbosa 440 galpão 7
36045-410 Juiz de Fora-MG
Tel.: (32)4009-1300
orcamento@digrafica.com.br

Arte e diagramação

Anderson Nogueira - amarantesvisuais@gmail.com

Circulação restrita sem fins comerciais

As ruas seguem nervosas	5
<i>Helio Amorim</i>	
Seguir Jesus	7
<i>Pe. Eduardo Beloti</i>	
Envolver-se e comprometer-se...	11
<i>Jorge Leão</i>	
Face a crise: quatro princípios e quatro virtudes	13
Francisco e Gustavo: nova aurora para a teologia	16
<i>Maria Clara Lucchetti Bingemer</i>	
Futuro universal	19
<i>Wilson Jacob Filho</i>	
Jesus e a religião	21
<i>Jorge La Rosa</i>	
O bode expiatorio	23
<i>Eduardo Hoornaert</i>	
A família do futuro será sem violência?	26
<i>Deonira L. Viganó La Rosa</i>	
O homem de chapéu	28
<i>Dulce Critelli</i>	
Achados e perdidos	30
<i>Roberto DaMatta</i>	
As dez estratégias de manipulação midiática	33
A Igreja de Francisco não é neutra	36
<i>Raniero Valle</i>	
A bela velhice	38
<i>Mirian Goldenberg</i>	
Os sacramentos divinos (III)	39
<i>Helio Amorim</i>	
O Natal e suas contradições	43
<i>Pe. Alfredo J. Gonçalves</i>	
Pedido de Natal	46
<i>Déa Januzzi</i>	
Gotas para reflexao	48
Solidao moderna	50
<i>Anna Verônica Mautner</i>	
Pelo Equilíbrio	52
<i>Jussara Goyano</i>	
A práxis cristã na cultura da comunicação	59
CAPA: presépio que participou, em dezembro de 2012, no Museu de Arte Sacra de São Paulo, da exposição internacional A Arte em Presépios. Imagen obtida no site issoehermanmiller.com.br	

Audiovisuais em



O MFC e o Instituto da Família - INFA - oferecem programas em DVD.
Em cada DVD, vários programas de 15 minutos

"Bate-papos" provocativos sobre questões que afetam a família e a sociedade. Para serem usados:

- em reuniões de equipes e grupos do MFC
- em reuniões de pais e professores nas escolas
- em canais de televisão, rádios e TVs comunitárias
- em encontros de noivos ou de casais
- em múltiplos outros eventos



DVD 1

- "Drogas: dependência e recuperação"
- "Drogas: mitos e preconceitos"
- "Violência na família"
- "Família na escola"
- "Diálogo & diálogo"
- "Violência e insegurança"
- "Separação e divórcio"



DVD 2

- "Drogas desafio para o educador"
- "Drogas: da negação à onipotência"
- "Crianças agressivas"
- "Aprendizagem bloqueada"
- "Motricidade oral"
- "A família moderna"
- "Sexualidade"



DVD 3

- "Violência urbana"
- "Insegurança e medo"
- "Idade e maturidade"
- "Ética - princípios que regem as relações humanas"
- "Ética na política"
- "Auto-estima sem narcisismo"
- "Casamento rompido"
- "Relacionamento conjugal e familiar"
- "Identidade e auto-realização"

Para encomendar:
Livraria MFC
(32) 3214-2952
de 13:00 às 17:00
livraria.mfc@gmail.com

EDITORIAL

AS RUAS SEGUEM NERVOSEAS

Helio Amorim

As táticas dos mascarados são insidiosas, dissolvem-se na massa como fermento que faz crescer o bolo. Agora se apoderam de grife internacional que a mídia acolhe e divulga, garantindo um charme sinistro na quebra-deira: são *blackblocs*, assim batizados à revelia pela mídia para inseri-los em movimento maior internacional, vestem-se de preto, aparentemente sob comando difuso e anônimo das redes sociais. Esse contingente enlouquecido dá o tom da partitura insana. Não têm reivindicações nem discursos, nada propõem, apenas destroem e quebram vitrines, caixas de bancos, sinais de trânsito, queimam carros e ônibus mas sequer transpiram reivindicações.

A repressão policial se mantém tímida por meses, sem encontrar nos seus manuais instruções para ações eficazes contra os infiltrados. Somente nestes dias há

sinais de novas estratégias de comando, com cerco e prisão de grande número de manifestantes portadores de paus e pedras, ferramentas de destruição de vitrines e depredação de equipamentos urbanos.

Reverter esse quadro é extremamente difícil. Será preciso contar com o apoio dos próprios manifestantes legítimos que lutam pelos seus direitos. A estes cabe adotar táticas inteligentes para isolar o joio que sufoca o trigo. É possível que as prisões que agora começam produzam efeitos. Famílias dos presos mobilizam advogados para libertar seus filhos tardivamente. Já encontram os meninos e meninas devidamente fichados e processos policiais iniciados, sem retorno.

Se configurado caso a caso a formação de quadrilha nesses episódios, a prisão é agora infiançável. Os presídios já recebem os primeiros hóspedes. Dor de cabeça para os pais pelos próximos

anos e risco fatal em reincidências de maus comportamentos.

Na margem oposta, os governantes devem convidar os manifestantes para diálogo aberto e honesto, expondo-se a críticas e vaias, discursos ferozes, acolhidos com robusto respeito democrático para que as contestações sejam ouvidas e compreendidas. Se há limites insuperáveis para o atendimento de reivindicações, sejam apresentadas demonstrações claras e infotismáveis, com números e argumentos comprensíveis.

Abram-se gabinetes e formem-se comissões de negociações transparentes que possam vascularizar os dados dos orçamentos públicos para a busca das melhores soluções viáveis. A movimentação das ruas ajudará a motivar esse entendimento que se faz em mesas de negociação: não é no calor da passeata que as soluções se concretizam. Podem mesmo dificultar, pelas infiltrações e destruição selvagem, o



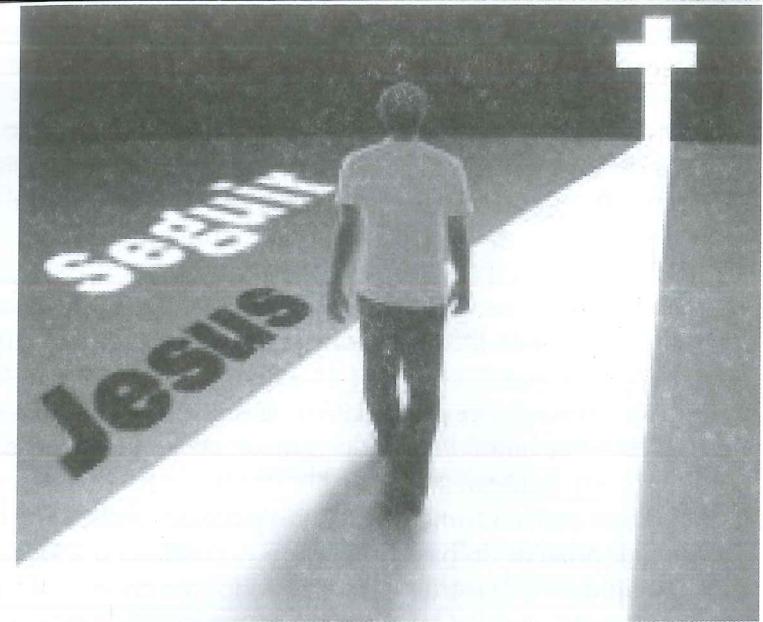
desarmamento de espíritos para que o racional comande o emocional da busca da paz possível.

Cabe também valorizar mais os sindicatos dos manifestantes, como legítimos portadores de representação para negociações, com apoios jurídicos e políticos, que complementam o cenário das ruas. Essas estruturas sindicais existem para isso, mas dependem da atuação persistente de seus parceiros trabalhadores nas suas assembleias e convenções, para que não se deixem sufocar pela acomodação e carreirismo na militância sindical. Também nesses espaços, é preciso vivenciar a democracia e exorcizar o "peleguismo".

Winston Churchill, primeiro ministro britânico durante a segunda guerra mundial, disse que "a democracia é o pior dos regimes, exceto todos os outros"... Portanto, vamos seguir usufruindo essa riqueza que nos foi roubada durante 21 anos de escuridão.

Pensamentos...

Não deixes que o tempo escorra por entre os dedos abertos de tuas mãos vazias. Segura-o de qualquer maneira para que ele vire eternidade. D. Helder Câmara.



Pe. Eduardo Belotti*

1 – INTRODUÇÃO.

"Jesus toma a firme decisão de partir para Jerusalém." (Lc 9,51). "Jesus atravessava cidades e povoados, ensinando e prosseguindo caminho para Jerusalém." (Lc 13,22). Esses dois versículos emolduram a 1ª grande parte da Caminhada de Jesus e do seu movimento para Jerusalém (Lc 9,51-13,21). Muitas narrativas compõem essa parte imprescindível do Evangelho de Lucas. Vamos interpretar essas narrativas, não todas, observando como elas podem nos inspirar no Seguimento de Jesus e no compromisso com seu Projeto. Veremos os apelos de Jesus, suas exigências e o compromisso necessário para se seguir o Profeta da Galileia.

1.1 – Não se instalar nem olhar para trás (Lc 9,51-62).

Seguir Jesus é o coração da vida cristã. Em três pequenas cenas, Jesus sacode a consciência dos discípulos. Não busca aumentar o número de seguidores e nem de "adoradores", mas quer seguidores comprometidos que o acompanhe sem reservas. Seguir Jesus é viver a caminho, sem nos instalarmos no bem-estar e sem buscar religião como refúgio. Jesus desconcerta: "Deixa que os mortos enterrem seus mortos; tu vais anunciar o reino de Deus" (Lc 9,60). Há "mortos" ainda de pé sem viver o sentido mais profundo da vida.

Estão alucinados pelo projeto do mercado endeusado. Não é possível seguir Jesus olhando para trás. Trabalhar no projeto do Pai

exige dedicação total, confiança no Deus da vida, audácia para seguir os passos de Jesus e se comprometer com seu projeto.

Seguir Jesus exige uma dinâmica de permanente movimento. A sociedade capitalista nos leva a buscar segurança, o que é uma farsa. É hora de aprendermos a seguir Jesus de forma humilde e vulnerável, porém autêntica e real. Não se distrair com costumes e obrigações que provêm do passado, mas não ajudam a construir uma sociedade justa, solidária e sustentável ecologicamente.

Concordamos com o teólogo José Antônio Pagola ao dizer: "Em tempos de crise é grande a tentação de buscar segurança, voltar a posições fáceis e bater novamente às portas de uma religião que nos proteja de tantos problemas e conflitos" (p. 166). Cuidado com a busca de segurança religiosa. Hoje devemos viver "com a atmosfera de Jesus" e não "ao sabor do vento que mais sopra". Há muita gente afundando em "água benta" e busca individual por cura, consolo. Isso é autoajuda, é amuleto, não é seguimento de Jesus.

Seguir Jesus implica andar na contramão, remar contra a correnteza de tantos fundamentalismos e da idolatria do consumismo. Exi-

ge também rebeldia, coragem, audácia diante de costumes que entortam o queixo e de modas que aniquilam o infinito potencial humano existente em nós.

1.2 - Discípulos identificados com Jesus (Lc 10,1-12.17-20)

Ao longo da viagem para Jerusalém, as pessoas vão se definindo a favor ou contra o processo de libertação, aderindo a Jesus ou fazendo parte dos grupos que o rejeitam e o condenam à pena de morte. Todos são chamados a participar do projeto de libertação (Lc 10,1). O número 72 (setenta, segundo alguns manuscritos) é emblemático. Recorda os setenta anciãos de Israel (cf. Nm 11,16-30). Lembra, ainda, a tábua das nações de Gênesis 10. O apelo a participar no anúncio do Reino é feito a todos, sem exceção.

Qual a identidade dos discípulos de Jesus? A partir de Lc 10,2-12 percebemos sete características que identificam os discípulos e discípulas de Jesus:

1. são pessoas que rezam/oram porque percebem a urgência do projeto de Deus (Lc 10,2);

2. são pessoas que anunciam o Reino em uma sociedade de classes com interesses antagônicos e não empregam os métodos violentos da classe dominante que vai

matar e perseguir seus discípulos. Anunciam o Reino de Deus despojados do poder e se regendo pela lógica do amor (Lc 10,3);

3. são pobres (Lc 10,4a) e a mensagem é urgente (Lc 10,4b);

4. são construtores da paz, que é a plenitude dos bens da nova sociedade (Lc 10,5-6);

5. são pessoas que não visam ao lucro (Lc 10,7);

6. são precursores na missão, são pessoas que se preocupam em defender os injustiçados (Lc 10,8-9);

7. são pessoas que não fazem média com a sociedade que rejeita o projeto de Deus (Lc 10,10-11). Importante observar que há outro envio dos discípulos no Evangelho de Lucas, em Lc 22,35-38, que trata da hora do combate, da luta. No primeiro envio, Jesus indicou aos discípulos que fossem despojados e desarmados. Assim deve ser todo início de missão: conviver, estabelecer amizades, cativar, assumir a cultura do outro, tornar-se um irmão entre os irmãos para que seja reconhecido como "um dos nossos", estabelecer proximidade, como nos ensina o papa Francisco. Mas, durante a evolução da missão, chega a hora em que não basta esbanjar ternura, graciosidade e solidariedade.

É preciso partir para a luta, pois as injustiças precisam ser denunciadas. Ao tomar partido e "dar nomes aos bois", irrompem-se as divisões e desigualdades existentes na realidade. Os incomodados tendem naturalmente a querer calar quem os está incomodando. É a hora das perseguições que exigem resistência. Por isso "pegar bolsa e sacola, uma espada – duas no máximo." (Lc 22,36-38).

Resistir não é violência, é legítima defesa. Diante de qualquer tirania e de um Estado violentador, vassalo do sistema capitalista, que sempre tritura vidas e pratica injustiças, é dever das pessoas cristãs resistirem contra as opressões perpetradas contra os empobrecidos, os preferidos de Jesus.

Lucas, em Lc 22,35-38, sugere desobediência civil – econômica, política e religiosa. Em uma sociedade desigual, esse é "um outro caminho" a ser seguido por nós, discípulos e discípulas de Jesus, o rebelde de Nazaré.

1.3 - Sejam universais e ecumênicos!

A narração de Lucas, no evangelho, está cheia de prefigurações de uma futura abertura para reconhecer que o Reino de Deus está também no meio dos não judeus, o que se confirma em Atos

dos Apóstolos com a abertura “aos de fora”. Já no início do evangelho aparece o tema do universalismo, ao dizer que Jesus será “luz para as nações” (Lc 2,30-32). Ainda antes da missão pública de Jesus já se assinala que “toda carne verá a salvação...” (Lc 3,6), anunciando que a ação de Jesus virá trazer a salvação de Deus, superará barreiras, transporá fronteiras, romperá limites. Como exemplo do universalismo e do ecumenismo defendido por Lucas podemos citar a inegável prioridade de que Lucas dá aos samaritanos.

No caminho de subida para Jerusalém, Jesus cura dez leprosos (Lc 17,11-19). Nesse relato, Lucas faz questão de dizer que o único que voltou dando graças a Deus era um samaritano (Lc 17,16), um estrangeiro (Lc 17,18), colocado como paradigma a ser seguido pelos discípulos, porque apresentou fé crítica e criativa, nascida da esperança (Lc 17,12-13), foi dócil à Palavra de Jesus (Lc 17,14), revelou gratidão (Lc 17,16). Com isso, ele não só recebe a cura, mas é salvo.

1.4 - Seja compassivo e misericordioso! Tenha coração aberto e mãos solidárias! (L 10,25-37)

Uma das colunas mestras da teologia de Lucas é a compaixão-misericórdia, a bondade, o amor de Jesus pelos pecadores, marginalizados, pobres e os excluídos (Lc 19,10), explicitados no discurso programático na sinagoga em Nazaré (Lc 4,14-27). No evangelho de Lucas, compaixão e misericórdia verificam-se em ser amigo de pecadores e publicanos (Lc 7,34), na solidariedade com a viúva de Naim (Lc 7,11-17), nas parábolas da misericórdia (Lc 15,4-7.8-10.11-32), no episódio-parábola do Bom Samaritano (Lc 10,29-37), na experiência de Zaqueu (Lc 19,1-10) e no convite para ser misericordioso (Lc 6,36). E mais: ternura, cuidado, compaixão e misericórdia estão disseminadas em todas as páginas do evangelho de Lucas como um tempero que permeia, penetra e perpassa todo o ensinamento e práxis de Jesus de Nazaré.

Pe. Eduardo Beloti é Assessor Eclesiástico do MFC de Maringá - PR

O carpinteiro molda a madeira, os arqueiros moldam flechas, o sábio molda a si mesmo.

Buda

Envolver-se e comprometer-se...

Jorge Leão*

É necessário urgentementeclarrear o entendimento sobre tais expressões. Envolver-se quer dizer comumente contribuir com o andamento de algo, de modo a dar a ele algum suporte material. Uma pessoa que se envolve, por exemplo, em construir uma casa, deve ter em mente o projeto a ser implementado na construção. Então ela procura providenciar os recursos materiais para efetivar sua empreitada. Ela funciona aqui como provedor, no sentido utilitário. No entanto, para manter a casa em bom estado de conservação, depois da construção, será necessário um projeto em longo prazo, e aí entra o compromisso.

Desse modo, comprometer-se exige doação. Somente quem se compromete com algo pode doar-se plenamente à permanência dele. Uma pessoa comprometida, além de envolvida na situação, é atenta aos elementos duradouros.

Não se limita a frequentar um espaço ou dar-lhe suporte técnico e material, mas a permanecer enquanto responsável por administrar a casa, num cenário comunitário, em que todos estejam canalizados pelo espírito do compromisso engajado. Aí houve algo a mais, porquanto o compromisso extrapola o envolvimento, porque



requer cuidado, partilha, responsabilidade, valores que indicam um caminho além do horizonte da obrigação do ocasional momento.

Talvez a maior dificuldade em comprometer-se com algo, ou uma causa, seja de fato a ausência do espírito de pertencimento. Se não houver experiência viva de doação, dificilmente alguém se convence de que não basta

contribuir no custo, nos gastos materiais, que não pode jamais ser confundido com o sentido mais profundo do termo "doação". Com a doação nos dirigimos ao necessário e permanente investimento da obra. Somente o custo, todavia, dentro do parâmetro material de ver alguma coisa funcionando, não basta. Para sair da despesa e ir ao encontro da profunda experiência da administração (como relata o texto bíblico do Gênesis, quando Deus pede ao humano que domine, no sentido de "administre a terra e todas as coisas que foram feitas nela"), será preciso mergulhar no terreno da ética.

Assim faz sentido alguém dizer: "eu colaborei para que isto fosse feito", pois se houve, de fato, compromisso, é claro que não haverá transferência de débitos ou culpas, quando o projeto não sair conforme planejado. Tanto o su-

cesso quanto o fracasso moram no âmbito das circunstâncias do envolvimento com a esfera dos acontecimentos. Contudo, a realização e a plenitude são do âmbito da consciência, e isto não cabe aos ditames das circunstâncias a outorga da obrigação ou da obediência, mas do livre-arbítrio de cada um.

Portanto, não nos iludamos com a ideia de que alguém envolvido irá comprometer-se de imediato. Pode levar tempo para que alguém saia da esfera das obrigações legais e respire ares mais plenos, já na morada dos bens atemporais, onde o compromisso nasce de uma livre adesão, não mais do medo da punição, da garantia da aprovação ou da espera por recompensas, como é comum no terreno dos envolvimentos circunstanciais da vida.

Jorge Leão é Mefecista de São Luiz

Pensamentos...

O que nos faz bons ou maus não é aquilo que nos aconteceu, mas sim o que fazemos e somos.

Hubert Rohden

Não penso em toda a desgraça mas na beleza que permanece.

Anne Frank

Face a crise: quatro princípios e quatro virtudes

A frase de Einstein goza de plena atualidade: "o pensamento que criou a crise não pode ser o mesmo que vai superá-la". É tarde demais para fazer só reformas. Estas não mudam o pensamento. Precisamos partir de outro, fundado em princípios e valores que possam sustentar um novo ensaio civilizatório. Ou então temos que aceitar um caminho que nos leva a um precipício. Os dinossauros já o percorreram.

Leonardo Boff*

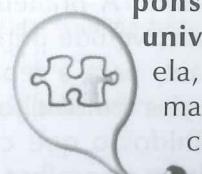
Meu sentimento do mundo me diz que quatro princípios e quatro virtudes serão capazes de garantir um futuro bom para a Terra e à vida. Aqui apenas os enuncio sem poder aprofundá-los, coisa que fiz em várias publicações nos últimos anos.

O primeiro é o **cuidado**. É uma relação de não agressão e de amor à Terra e a qualquer outro ser. O cuidado se opõe à dominação que caracterizou o velho paradigma. O cuidado regenera as feridas passadas e evita as futuras. Ele retarda a força irrefreável da entropia e permite que tudo possa viver e perdurar mais. Para os orientais o equivalente ao cuidado

é a compaixão; por ela, nunca se deixa o outro que sofre abandonado, mas se caminha, se solidariza e se alegra com ele.

O segundo é o **respeito**. Cada ser possui um valor intrínseco, independentemente de seu uso humano. Expressa alguma potencialidade do universo, tem algo a nos revelar e merece existir e viver. O respeito reconhece e acolhe o outro como outro e se propõe a conviver pacificamente com ele. Ético é respeitar ilimitadamente tudo o que existe e vive.

O terceiro é a **responsabilidade universal**. Por ela, o ser humano e a sociedade se dão conta



das consequências benéficas ou funestas de suas ações. Ambos precisam cuidar da qualidade das relações com os outros e com a natureza para que não seja hostil, mas amigável à vida. Com os meios de destruição já construídos, a humanidade pode, por falta de responsabilidade, se autoeliminar e danificar a biosfera.

O quarto princípio é a **cooperação incondicional**. A lei universal da evolução não é a competição com a vitória do mais forte mas a interdependência de todos com todos. Todos cooperam entre si para coevoluir e para assegurar a biodiversidade. Foi pela cooperação de uns com os outros que nossos ancestrais se tornaram humanos. O mercado globalizado se rege pela mais rígida competição, sem espaço para a cooperação. Por isso, campeiam o individualismo e o egoísmo que subjazem à crise atual e que impediram até agora qualquer consenso possível face às mudanças climáticas.

Os quatro princípios devem vir acolitados por quatro virtudes, imprescindíveis para a consolidação da nova ordem. A primeira é a **hospitalidade**, virtude primacial, segundo Kant, para a república mundial. Todos têm o direito de serem acolhidos o que corresponde ao dever de acolher os ou-

tros. Esta virtude será fundamental face ao fluxo dos povos e aos milhões de refugiados climáticos que surgirão nos próximos anos. Não deve haver, como há, extra-comunitários.

A segunda é a **convivência** com os diferentes. A globalização do experimento homem não anula as diferenças culturais com as quais devemos aprender a conviver, a trocar, a nos complementar e a nos enriquecer com os intercâmbios mútuos.

A terceira é a **tolerância**. Nem todos os valores e costumes culturais são convergentes e de fácil aceitação. Dai impõe-se a tolerância ativa de reconhecer o direito do outro de existir como diferente e garantir-lhe sua plena expressão.

A quarta é a **comensalidade**. Todos os seres humanos devem ter acesso solidário e suficiente aos meios de vida e à segurança alimentar. Devem poder sentir-se membros da mesma família que comem e bebem juntos. Mais que a nutrição necessária, trata-se de um rito de confraternização.

Todos os esforços serão em balde se a Rio+20 de 2012 se limitar à discussão apenas de medidas práticas para mitigar o aquecimento global, sem discutir outros prin-

cípios e valores que podem gerar um consenso mínimo entre todos e assim conferir sustentabilidade à nossa civilização. Caso contrário, a crise continuará sua corrosão até se transformar numa tragédia. Temos meios e ciência para isso. Só nos faltam vontade e amor à vida, à nossa e a de nossos filhos e netos. Que o Espírito que preside a história, não nos falte.

*Leonardo Boff, teólogo, é autor de *Saber cuidar: ética do humano-compaixão pela Terra*, Vozes 1999.

REFLEXÃO: Tendo apoio no conteúdo do texto: - Rever suas relações de responsabilidade pragmática com a própria vida, com a vida de seus semelhantes e com a preservação da vida no planeta. – Destacar atitudes que podem ser tomadas em defesa da preservação da vida na terra e como realizar tais atitudes. – Relacionar, comparativamente, “COOPERAÇÃO UNIVERSAL E MERCADO GLOBALIZADO”. Destacar coerências e incoerências percebidas nessa comparação.

Ser professor

Ser professor é professar a fé e a certeza de que tudo terá valido a pena se o aluno sentir-se feliz pelo que aprendeu com você e pelo que ele lhe ensinou...

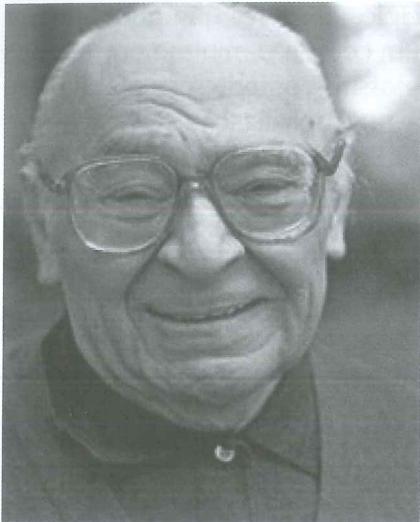
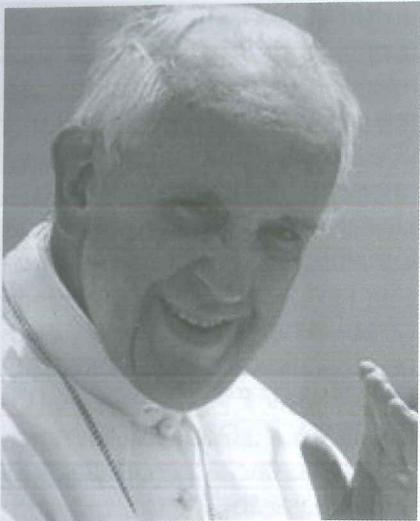
Ser professor é consumir horas e horas pensando em cada detalhe daquela aula que, mesmo ocorrendo todos os dias, a cada dia é única e original...

Ser professor é entrar cansado numa sala de aula e, diante da reação da turma, transformar o cansaço numa aventura maravilhosa de ensinar e aprender...

Ser professor é importar-se com o outro numa dimensão de quem cultiva uma planta muito rara que necessita de atenção, amor e cuidado.

Ser professor é ter a capacidade de “sair de cena, sem sair do espetáculo”.

Ser professor é apontar caminhos, mas deixar que o aluno caminhe com seus próprios pés...



É certamente uma das mais excitantes boas notícias destes seis meses de novo pontificado o fato de o Papa receber pessoalmente o teólogo peruano Gustavo Gutierrez, mais conhecido como o pai fundador da Teologia da Libertação.

Francisco e Gustavo: nova aurora para a teologia

Maria Clara Lucchetti Bingemer

Antes disso, já o prefeito da Congregação para a doutrina da fé, **Gerhard Müller**, havia deixado bem patente sua amizade com Gutierrez: uma foto dos dois no lançamento de um livro de Müller correu o mundo. Müller foi aluno e é amigo do pensador peruano desde que, ainda muito jovem, foi a Lima para estar entre os pobres. Já se pressentia

que ventos melhores iriam soprar para essa teologia nascida na esteira do Concílio, no coração da Pátria Grande latino-americana e que ultimamente conhecera várias agruras e tempos sombrios.

Já a Conferência de Medellín, em 1968, havia dito que se a Igreja do continente sentia a necessidade imperiosa de realizar mudança de alianças, unindo inseparavelmente evangelização e prá-

tica da justiça, e privilegiando os pobres como parceiros primordiais isso implicaria necessariamente em uma nova teologia. E essa teologia deveria partir do chão da realidade atravessada pela injustiça e pela opressão, a fim de elaborar conteúdos que pudessem contribuir para uma transformação da mesma realidade.

Sobre aquele acontecimento disse agora **Gustavo Gutierrez**: “O problema que enfrentávamos não é sobre como falar de Deus em um mundo adulto, mas como anunciar Deus como um pai amoroso e justo em um mundo desumano e injusto”.

Na verdade, não se trata de algo novo. Chamar a atenção para a fato de aqueles que são desprovidos das benesses da sociedade e excluídos pelo progresso e pelas elites serem os filhos mais queridos de Deus justamente porque mais necessitados não foi inventado pela Teologia da Libertação.

Remonta, na verdade, a Jesus de Nazaré que, fiel ao Deus de Abraão, Isaac e Jacó, por ele chamado amorosamente de Pai, voltava-se com especial atenção e desvelo para as categorias de pessoas mais desprezadas da sociedade: o órfão, a viúva, o pobre, o estrangeiro.

A TdL procura fazer o mesmo. Experimentar um encontro profundo com o Senhor no rosto do pobre. Por-se à escuta dos que não têm voz para ouvir e responder a seus desejos mais profundos e autênticos. Colocar-se a serviço de sua libertação, denunciando quem afirma que a pobreza e exclusão são vontade de Deus e não fruto podre do pecado humano, pessoal e estrutural.

A TdL ganhou corpo e força nos anos 1970 e 1980. Apesar de muito combatida mesmo por segmentos importantes da Igreja, não abriu mão de seus princípios norteadores e permaneceu firme na fidelidade a seus propósitos. Ganhou credibilidade e confiança, e quando indagavam se pretendia formar uma Igreja paralela, sempre reafirmou sua convicção de ser uma teologia eclesial, elaborada dentro da Igreja e não apenas na academia ou nas tribunas sociais de todos os tipos. Apesar de inspirar e reforçar compromissos políticos, seu referencial era a Igreja e nenhuma outra instância.

Dentro dessa Igreja produziu, deu abundantes frutos, revitalizou todo o pensar teológico, dando-lhe nova perspectiva.

Talvez por isso mesmo tenha sido tão doloroso para esta teologia e seus representantes haverem sido pouco compreendidos por

certos setores eclesiás e até mesmo marginalizados por boa parte deles. Homens como Gustavo Gutierrez e outros de igual quilate foram olhados com suspeita e desconfiança, sendo seu trabalho mal entendido e mal avaliado.

É belo ver agora a reinclusão desta teologia dentro do conjunto do pensamento da Igreja que sempre amou e a quem sempre quis fielmente servir. O encontro do Papa com Gustavo Gutierrez é um sinal poderoso de que novos tempos começam não só para essa teologia, mas para todo o pensar teológico. Pois se é verdade que a teologia é uma reflexão que só pode ser feita dentro da comuni-

dade eclesiá, como fazê-la sem liberdade? Como levá-la adiante em um ambiente de suspeita e desconfiança, sem a liberdade característica do Espírito do Senhor que sopra como o vento e renova a face da terra?

A boa notícia do encontro entre o Papa e o teólogo enche os corações de esperança. Para todos nós que entregamos a vida a serviço da teologia entendida como vocação e missão, o ar puro penetra nos pulmões e nos diz que a esperança não **decepciona**.

Maria Clara Lucchetti Bingemer,
Professora do Departamento de
Teologia da PUC-Rio

MINEIRO

Tiago Adão

Mineiro e barroco
maneira de ser
caminho tortuoso
de estranho viver.

Mineiro é trabalho
suado surrado.
É dedo de prosa
de tarde gostosa.

Mineiro é conversa
bem calma e ajeitada
também desconversa
com arte engendrada.



Mineiro se cala
feliz a cismar
explode na fala
se quer poetar.

Mineiro é trem
saudoso no peito
pois serve com jeito
prá tudo que vem.

Mineiro é casa
é fé religião.
Não cede de graça
qualquer tradição.

Mineiro adora
fazer confidencia
se tempo inda rola
lá vem inconfidência.

Futuro universal

Wilson Jacob Filho *

Venho insistindo, há muito tempo, que o envelhecimento populacional será um dos temas de maior importância para o futuro da humanidade. Não há quem ou o que possa ser considerado alheio a essa realidade ou intangível por essa fantástica mudança da composição etária da população.

Do mais simples cidadão das muitas comunidades carentes ao mais notório dentre os abastados, todos têm e terão cada vez mais as suas vidas alteradas por essa progressiva capacidade de viver mais.

Uma das evidências mais marcantes da necessidade de disseminar esse conceito ocorreu, para mim, há mais de 20 anos, quando ministrava a palestra inicial do curso de geriatria aos alunos do quarto ano da Faculdade de Medicina da USP.

Entre os dados nacionais e internacionais que demonstravam as expectativas de envelhecimento populacional para o século 21, convidava-os a pensar que essas perspectivas seriam determinantes de inúmeras mudanças no exer-

cício profissional, fosse qual fosse a futura especialização deles.

Uma das alunas me interpelou: "O meu não, professor. Pretendo ser pediatra e, ao que me consta, as crianças continuarão sendo crianças". Risos coletivos denunciaram algo do tipo "te pegou".

Após alguns instantes de conversas paralelas, retomei a palavra e formulei a argumentação que venho repetindo desde então. "Esse aumento da expectativa de vida provocará mudanças individuais e coletivas que nos envolverão, a todos, em pelo menos três cenários.

No plano individual, teremos maior chance de viver mais e, por isso, torna-se necessário um planejamento a médio e longo prazos para que possamos envelhecer com saúde. No aspecto coletivo, conviveremos cada vez mais com aqueles que envelhecem, o que nos torna parte inte-

grante do planejamento de vida de um número progressivamente maior de pessoas. E, no campo profissional, cada vez mais o cliente será idoso. Seja dentista, seja anestesista, todos terão que atender o idoso com a mesma segurança e capacidade profissional com que o fariam com outras faixas etárias".

Os rumores e risos, que tinham se aquietado, voltaram, visto que eu não havia tocado na questão formulada.

Completei: "Mesmo você, futura pediatra, terá que se ocupar dessa questão. Em parte porque estará cuidando de uma criança cuja expectativa de vida será maior do que foi a sua e muito maior do que foi a minha, quando nascemos. Além disso, seu interlocutor será, na maioria

das vezes, um idoso. Serão, provavelmente, as avós e, quem sabe, as bisavós que se ocuparão dos cuidados das crianças e que farão, entre tantas coisas, a consulta ao pediatra." Silêncio geral, em meio a certo clima de incredulidade.

Recentemente, encontrei essa pediatra em um congresso. Antes mesmo que nos cumprimentássemos, ela se adiantou, com um sorriso: "Toda a vez que atendo um cliente acompanhado da avó ou da bisavó, lembro de você".

Gostei.

WILSON JACOB FILHO é professor da Faculdade de Medicina da USP e diretor do Serviço de Geriatria do Hospital das Clínicas (SP)

Transcrito do Caderno Equilíbrio, da Folha de São Paulo

Pensamentos

A vida merece algo além do aumento de velocidade

Gandhi

Uma longa viagem começa com um único passo

Lao-Tsé

Não há atalhos fáceis para qualquer lugar digno de ser visitado.

Beverly Sills

Jesus e a religião

Jorge La Rosa*

Jesus, como homem, teve uma religião na qual foi educado, cuja doutrina assumiu e cujos ritos praticou: a religião judaica. Recém nascido foi submetido ao rito da circuncisão conforme Lucas 2, 21: seria o sinal na carne da aliança entre Javé e o povo escolhido.

Em seguida, o mesmo Lucas (2,22-24) relata a apresentação do menino Jesus no templo, para ser consagrado ao Senhor, na qualidade de primogênito, e a purificação de Maria, conforme prescreviam Êxodo 13, 1 e Levítico 12,8.

É também Lucas (2, 41-51) que narra a ida de Jesus ao templo de Jerusalém, aos 12 anos, para os festejos da Páscoa.

Na vida adulta, diversas vezes, os Evangelhos relatam idas de Jesus às sinagogas, lugar de oração e de leitura das escrituras. A ceia pascal que os judeus realizavam anualmente para comemorar a libertação do Egito era celebrada por Jesus e foi nesse contexto que ele estabeleceu a Nova Ceia da Nova Aliança.

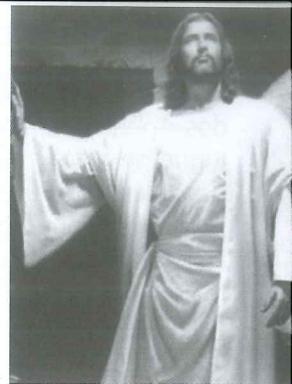
Jesus pode ser caracterizado como um judeu religioso. Mas ele foi, ao mesmo tempo, um crítico de tradições religiosas e da maneira como muitas pessoas entendiam e viviam sua religião.

Podemos dizer que a mais radical mensagem do Mestre foi a de que

não é possível separar o culto a Deus e a solidariedade aos irmãos. E que a prática dos rituais religiosos não tem poder purificador, ela depende de nossos relacionamentos com o próximo: "Se estiveres diante do altar para fazer a tua oferta, e te lembras que teu irmão tem alguma coisa contra ti, primeiro vai reconciliar-te com teu irmão, depois vem fazer a tua oferta" (Mateus 5,23).

Ainda hoje os cristãos do ocidente vivemos um cristianismo muito esquizofrônico, com milhões de pessoas passando fome, sem moradia digna e em condições subumanas. Praticamos nossos rituais, mas não modificamos o mundo.

Outra lição que Jesus deixou é a de que não existe guerra santa, e que a fé não se impõe, e que não se condena ninguém à fogueira por motivos religiosos. Há uma passagem no Evangelho de Lucas (9, 51-56) em que João e Tiago, apóstolos, querem incendiar um povoado de samaritanos porque não quiseram receber o Mestre e dar-lhe pousada – foi a primeira tentativa inquisitorial de matar em nome da fé cristã. O



Nazareno não sucumbe à tentação dos Apóstolos, repreende-os, dá o toque de recolher, aceita a rejeição daqueles moradores, e ensina-nos para sempre que a consciência é algo inviolável e deve ser respeitada, jamais violentada. Mesmo em nome da fé, a violência não se justifica: anunciou, então, a liberdade religiosa que a Igreja só veio reconhecer no século vinte, quer dizer, 2.000 anos após, através do Concílio Ecumênico. A Igreja, às vezes, é excessivamente lenta para aprender o conteúdo da mensagem evangélica, fica enredada em ideias e doutrinas elaboradas pela "sabedoria" dos homens.

Na mesma passagem acima, Jesus ensina que as autoridades religiosas são pessoalmente falíveis em suas ideias, propostas e opções: elas podem errar, seus pensamentos, sentimentos e ações podem atentar contra a mensagem do Mestre do qual desejam ser discípulas. A condição de poder não tira a condição da falibilidade pessoal, inerente à humanidade. É nessa perspectiva que entendemos porque Jesus chamou o primeiro papa de demônio, logo depois de tê-lo estabelecido como pedra de sua Igreja, porque sua conduta era inadequada, seus pensamentos estavam longe dos projetos de Deus.

Hoje em dia isso pode também acontecer, como aconteceu ao longo da história em diversos episódios e posturas da Instituição Eclesiástica. A Igreja não é só divina, ela

é também humana, às vezes excessivamente humana enquanto se corrompe e se distancia do Evangelho que anuncia. Isto tanto por parte da hierarquia quanto do laicato.

Em qualquer tempo é bom revisitar Jesus. Aí temos, sempre de novo, as luzes a indicar os desvios e a apontar o caminho que o Senhor mesmo trilhou. Queremos um caminho melhor?! Infelizmente, é preciso reconhecer, há muita resistência ao Evangelho, mesmo no seio da Igreja que deveria estar a seu serviço.

* Jorge La Rosa é Professor Universitário

EXERCÍCIOS PROPOSTOS: - Dimensionar a amplitude do pensamento "... a mais radical mensagem do Mestre foi a de que não é possível separar o CULTO A DEUS e a SOLIDARIEDADE AOS IRMÃOS, no contexto da atualidade". - "... Não existe GUERRA SANTA. A fé não se impõe e não se pode condenar ninguém à fogueira por motivos religiosos. (avaliar, levando em conta os preconceitos e a violência entre os seres humanos). - As religiões, enquanto Instituições humanas, bem como as autoridades, nelas constituídas, são falíveis? - Justifique e exemplifique seu parecer. - Tecer considerações, tendo como objeto seu mundo pessoal e suas relações sociais, sobre " O ATO DE REVISITAR JESUS ".

A repercussão que o processo do mensalão tem tido e as paixões que ele suscitou constituem uma oportunidade para que reflitamos: onde estamos, neste momento, em termos de cristianismo? Pois, ao assistir à TV ou consultar a internet, a impressão é que estamos em plena ideologia do 'bode expiatório', maneira de pensar que remonta às origens da humanidade, nunca contestada antes do aparecimento de Jesus de Nazaré no palco da história.

O bode expiatório

Eduardo Hoornaert

Milenarmente, as mais diversas culturas cultivam ritos de purificação onde vítimas são sacrificadas para o bem da tribo, do povo ou da nação.

Durante milênios, a vitimação é considerada normal, inevitável para a boa organização da sociedade. As próprias vítimas (escravos e trabalhadores no império romano, por exemplo) nem tinham consciência de serem vítimas e achavam que sua situação era 'um dado da natureza' (assim pensa, por exemplo, Aristóteles). Para remediar um sentimento de mal-estar na sociedade por causa de crimes ou guerras, as civilizações, durante milênios, organizam diversas formas de 'exiação (ritual) dos pecados', com a finalidade de se purificarem. A ideia é: respirar de novo o ar puro da inocência e colocar tudo nos eixos, sacrificando uma vítima. Eis o sen-



tido da 'festa da expiação' (Yom Kippur) no judaísmo antigo. No alto do templo, o sumo sacerdote empurra um bode penhasco abaixo, proclamando em seguida que Israel está de novo puro e imaculado diante de Iwh. Os antigos astecas, no México, praticavam com regularidade sacrifícios humanos sangrentos no alto de suas pirâmides com a mesma finalidade.

O sumo sacerdote Caifás, no sinédrio, dá o voto de Minerva a favor da condenação de Jesus, dizendo: 'um tem de morrer pelo

povo'. Algo similar está acontecendo hoje entre nós. Há quem pense que o Brasil vai ficar melhor, mais puro, menos corrupto, após a condenação de José Dirceu ou José Genoíno. Há um sentimento de redenção e muitos vislumbram finalmente uma luz no fim do túnel da impunidade. Marcharemos resolutos para a constituição de um país finalmente honesto, sob a batuta de Joaquim Barbosa. Os cristãos que pensam assim esquecem que Jesus interrompe categoricamente esse modo de pensar e, com isso, inaugura um novo tempo para a humanidade. Ele não morre na qualidade de vítima inocente. Morre em consequência de uma postura assumida contra os abusos cometidos pelas autoridades de seu país, tanto judaicas como romanas. Jesus sente compaixão pelo povo comum, que não tem consciência da exploração impiedosa que sofre por meio de leis consideradas santas (o código levítico, a torá), mas que na realidade beneficiam os 'puros' (sacerdotes) e condenam os 'impuros'.

Em contrapartida à lei, ele divulga nas aldeias da Galileia, com muita autoridade, um programa totalmente novo: é preciso abrir a casa ao visitante incômodo no meio da noite; perdoar as dívidas e erros do vizinho (não sete vezes,

mas setenta vezes sete vezes); não cobiçar a mulher do vizinho nem seu animal de carga; não ter inveja de ninguém (pois a inveja destrói os laços de fraternidade); não delatar o vizinho; frequentar as reuniões da comunidade onde se ensina a lei de Moisés sem as deturpações divulgadas pelos sacerdotes de Jerusalém; ver em qualquer pessoa um irmão, uma irmã. Esse programa, fácil de ser enunciado, é difícil de ser executado, pois está em oposição diametral com comportamentos desde muito enraizados nas pessoas.

O programa de Jesus mostra que uma sociedade pode sobreviver sem postular sacrifícios nem produzir vítimas. Há uma diferença, nos evangelhos entre culpados (pecadores, como os publicanos, por exemplo) e vítimas da execração. José Dirceu e José Genoíno, sem dúvida, são culpados e devem ser punidos por causa dos erros que cometaram, mas isso não significa que devam ser entregues à sanha violenta da vingatividade e da crueldade humana, seus nomes não devem ser arrastados como se eles fossem 'demoníacos'. Eis um ponto em que nossa sociedade se mostra profundamente pagã e ainda não captou a real novidade do evangelho.

Os cristãos se comprometem a seguir o programa que Jesus divul-

gou nas aldeias da Galileia, uma experiência real e histórica, que até hoje orienta o cristianismo. A genialidade de Jesus não só consiste na lucidez em detectar o mecanismo sacrificial, mas também na coragem de desativá-lo nas aldeias da Galileia. Essa experiência-modelo implica em nunca jogar a culpa no outro, e é isso que abre uma nova perspectiva para a humanidade e inaugura um tempo de fraternidade universal e amor incondicional ao próximo. Seria ingenuidade pensar que a mensagem de Jesus tenha sido imediatamente compreendida por todos, pois na mente das pessoas os antigos modos de pensar e reagir, assim como o costume de sempre jogar a culpa nos outros e gostar de ver sua derrota, de pisar em cima de 'culpados' ou de ter inveja, têm caráter ancestral, são sedimentações mentais transmitidas de geração em geração por pessoas que, embora se digam cristãos, não entendem o cristianismo.

Seria ingenuidade pensar que o Brasil, por ser o maior país católico do mundo, tenha compreendido o evangelho em seu âmago. Os dias que atravessamos mostram o contrário (pelo menos nas áreas que se comunicam por TV ou internet). As reações diante dos 'mensaleiros' comprovam que mesmo alguns que se declaram

cristãos da esquerda podem cair na armadilha do mecanismo 'bode expiatório', ainda persistente nas mentes. A penetração da mensagem evangélica é um processo lento e difícil, pois exige capacidade de se converter (repensar), rever atitudes tomadas, praticar autoanálise e reconhecer que 'pecadores' somos nós, na medida em que somos omissos. Estamos aqui diante do cerne do evangelho, pois a vocação cristã consiste em assumir o 'modo de pensar' de Jesus de Nazaré.

É verdade, Jesus sabia que muitas pessoas não entendiam seus propósitos. Ele sempre foi paciente nesse ponto, pois tinha consciência de que se tratava de algo muito enraizado nas mentalidades. Não podemos esquecer o outro lado da questão. Apesar de tudo, de dois mil anos para cá, um fio dourado de perdão, amor universal e fraternidade percorre a história da humanidade. Há inúmeros exemplos. Todos e todas conhecemos iniciativas que rechaçam a ideia de vingança, sacrifício 'em benefício do bom andamento da sociedade' e julgamento de 'culpados'. Tudo isso substituído por uma abertura irrestrita ao 'outro'. Também nesse sentido, 'um outro mundo é possível'.

Eduardo Hoornaert é Teólogo e escritor

A Família do futuro será sem violência?

Deonira L. Viganó La Rosa

Casualmente me caiu às mãos um texto que relata posicionamento de 40 especialistas de diversas partes do mundo, reunidos em dois dias de simpósio convocado pela ONU-UNICEF, para debater o problema internacional da violência na família.

Os participantes foram unânimes em afirmar que, desde a violência até o desenvolvimento sustentável, nada encontrará solução a não ser que se trabalhe em conjunto, neste mundo interdependente. E para tanto há que se buscar soluções pluridisciplinares.

Eliminar a violência na família e na sociedade: uma obrigação de todos

Nossos esforços para eliminar a violência, seja na família ou na sociedade, não são uma questão de escolha, de generosidade, ou de bom temperamento. Antes, são uma obrigação que nos foi imposta por nossa humanidade e por nossa inter-dependência. Se somos civilizados e humanizados, vamos dedicar tempo e criar estratégias para construir a paz, diminuindo a violência, cada vez mais aguçada nos dias atuais.

O Simpósio, ao qual me referi, faz afirmações importantes:

A violência na família não pode mais ser considerada como uma questão privada.

A violência na sociedade e a violência na família estão estreitamente ligadas. As guerras, o terrorismo e mesmo as imagens de violência, têm um impacto profundo sobre a família, e são geradores de violência. Por outro lado, a violência na família encoraja e torna possível, a um nível mais elevado, a violência na sociedade em geral, produzindo gerações que se sucedem e que são mais e mais capazes de violência.

A violência na família tem, também, profundas raízes no preconceito contra mulheres, preconceito encorajado por fatores culturais e religiosos.

Compreender estas causas da violência na família é um primeiro passo, essencial para a mudança.

A nota dominante da família sem violência é a unidade

A família sempre foi e continuará sendo o meio mais propício para que as futuras gerações de crianças possam crer e formar sua opinião sobre si mesmas, sobre o mundo e sobre o fim e o sentido da vida.



No passado, a maioria das famílias era baseada sobre o poder. O poder exige conformidade a um modelo de obediência, difícil de aceitar na era da participação e da valorização da democracia.

Mais recentemente, uma revolta contra este modelo levou à família indulgente, onde não há autoridade alguma e onde tudo é permitido. Neste tipo de família os membros acabam por acreditar que a coisa mais importante da vida é obter aquilo que querem. Isto leva a um entrelaçamento confuso entre pensamentos e emoções.

No mundo interdependente de hoje, estes tipos de família estão sendo abortados. A única solução é inventar uma nova família.

A família do futuro é uma família baseada na UNIDADE. Tal família está radicada sobre a igualdade entre o homem e a mulher e sobre a justiça para com todos os seus membros. Estas famílias se distinguem por sua cooperação, sua maturidade e seu amor não egoísta. Uma família fundada sobre a unidade, por sua própria natureza, é desprovida de violência.

Habitualmente, os psicólogos falam dos traumatismos da família, os advogados falam dos direitos dos seus membros, e assim por diante. Hoje, é necessário desenvolver uma nova maneira de ver as coisas – uma maneira integrada e multidisciplinar. Todas as áreas devem reunir-se e debater o problema de maneira global e integrada.

Um plano de ação

A organização da Conferência propagou suas conclusões e recomendações, esperando estimular os governos e a sociedade civil a terem um cuidado especial em relação à violência na família e a adotarem políticas enérgicas para combatê-la.

Entre as recomendações específicas, destacam-se:

- dar formação e apoio contínuo às pessoas que se ocupam das crianças, com a finalidade de tratar e de prevenir a violência na família;
 - sensibilizar, formar e mobilizar os agentes dos governos e os legisladores, a fim de que tomem em consideração as consequências econômicas, sociais e psicológicas ligadas à violência na família;
 - estimular o desenvolvimento de materiais pedagógicos, livros de sala de aula, e mesmo jogos que propaguem a igualdade dos sexos;
 - militar para fazer aprovar as leis que criminalizam todas as formas de violência doméstica e que forneçam meios que facilitem sua prática e seu controle.
- Até no final da novela *Insensato Coração* houve uma apologia à família, quando a matriarca levanta a taça, nomeia os mais diversos tipos de organizações familiares no mundo de hoje, e termina fortalecendo a unidade e o amor entre todos, como o essencial. Viva a família !

Deonira L. Viganó La Rosa é Terapeuta de Casal e de Família. Mestre em Psicologia.



O HOMEM DE CHAPÉU

Dulce Critelli*

Um homem com um chapéu preto de abas largas sentou-se bem, na frente da pessoa que ocupava a cadeira ao lado da minha no teatro.

Ele chegou com algumas pessoas. Ouvi uma delas sugerir que ele tirasse o chapéu, o que recusou veementemente. A pessoa ao meu lado tocou no seu ombro e lhe pediu o favor de tirar o chapéu. Ele insistiu que não tirava

"Mas o senhor está me impedindo de assistir à peça", continuou ela. "Então a senhora sente lá na frente, pois eu não vou tirar o chapéu." Acabou trocando de lugar com uma das pessoas do grupo e ficou na cadeira da ponta. Mas não tirou o chapéu. Depois, dormiu de roncar.

O homem de chapéu parecia ser uma dessas pessoas quecreditam que sua liberdade e seu poder pessoal estão em fazer valer a sua vontade.

Coincidência ou paradoxo, a peça encenada era "A Alma Boa de Setsuan", de Brecht. No palco e na platéia, o assunto era a dificuldade, que muitos sentimos, de afirmar nossos desejos e propósitos, com receio de prejudicar ou oprimir os outros. E a dificuldade de atender a vontade dos outros, sem o risco de nos prejudicarmos.

É ilusão inocente esperar que não haja conflito entre as pessoas, quando seus propósitos são diferentes. Mas, é também ilusório partir do princípio de que todo conflito desencadeia uma guerra, desafia ofensas, instaura discórdia.

Essa crença equívoca se apoia numa lógica de exclusão: ou eu ou os outros. Só prevê vencedor e perdedor. Jamais as duas partes poderiam ganhar. Não há lugar para acordos.

Talvez por isso as pessoas se sintam tão constrangidas quando presenciam outras discordando entre si. Como ocorreu no teatro: quem estava em torno dos envolvidos queria fazer de conta que não aconte-

cia nada. Somos filhos de uma filosofia de vida individualista.

Não acredito que nos falte coragem para enfrentar discussões. O que nos falta é o sentimento de termos um mundo em comum. Não nos sentimos pertencer, em conjunto, ao mesmo mundo. Por isso, problemas da realidade, aí fora, não nos afetam.

Assim, entendemos que os problemas do país são de responsabilidade dos políticos, os da saúde, da alçada dos médicos...

Reconhecemos como nossos somente os problemas que nos afetam diretamente.

Parecemos viver dentro de bolhas particulares. A perda do sentimento de pertencermos a um mundo comum nos mantém isolados uns dos outros e cada vez mais incomunicáveis.

A violência urbana e a dinâmica do universo profissional corroboram com isso. Exercemos, hoje, muito melhor a competição do que a solidariedade.

O problema maior é que, quando perdemos o sentido de um mundo em comum, ficamos mortalmente atingidos na nossa condição humana. Os homens não foram criados para que vivessem sozinhos.

Um homem pode viver sem seu chapéu, mas jamais sem companhia.

*Dulce Critelli é terapeuta existencial e professora de filosofia da PUC-SP, é autora de "Educação e Dominação Cultural" e "Analítica de Sentido" e coordenadora do "Existentia - Centro de Orientação e Estudos da Condicionamento Humana".

Transcrito do Caderno "Equilíbrio", da Folha de São Paulo

Pensamentos

Só são verdadeiramente felizes aqueles que procuram ser úteis aos outros.

Albert Schweitzer

O homem morre uma primeira vez na idade em que perde o entusiasmo.

Balzac

Achados e perdidos

Roberto DaMatta

As vezes eu sinto a angústia de um menino perdido numa multidão. Vivemos hoje no Brasil um período inusitado de instabilidade política permeada pelas superimposições promovidas pelo casamento entre hierarquias aristocráticas – que em todas as sociedades e, sobretudo na escravidão, como percebeu o seu teórico mais sensível, Joaquim Nabuco, tem como base a amizade e a simpatia pessoal – e o individualismo moderno relativamente igualitário que demanda burocracia e, com ela, um impecável, abrangente e inatingível impessoalidade.

O hibridismo resultante pode ser negativo ou positivo. Pelo que capture, o hibridismo – ou o mulatismo ético – é sempre malvisto porque ele não cabe no modo ocidental de pensar. Provam isso as Cruzadas, a Inquisição, o Puritanismo, as Guerras Mundiais, o Holocausto e a exagerada ênfase na purificação e na eugenia – na coerência absoluta entre gente, terra, língua e costumes, típicas do eurocentrismo. A mistura corre do lado errado e tende a derrapar como um carro dirigido por jovens

bêbados quando saem da balada; ou da esquerda carismático-populista, burocrática e patrimonialista no poder. Desconfio que continuamos divididos entre tipos de dominação weberiana e suas instituições. Fazer a lei e, sobretudo, preparar a sociedade para a lei; ou simplesmente prender? Chamar a polícia (que é, salvo as honrosas exceções, intensamente ligada aos bandidos e chefes do crime paradoxalmente presos) ou resolver pela “política”? Mas como fazê-lo se os “políticos” (com as exceções de praxe) estão interessados no desequilíbrio porque a estabilidade impede e dificulta a chegada ao “poder”? Poder que significa, além da sacralização pessoal, um imoral enriquecimento pelo povo e com o povo. Ademais, somente uma minoria acredita na Política representada por instituições igualitária e niveladoras.

Para ser mais preciso ou confuso, amamos a dominação racial-legal estilo germano-romana, mas não deixamos de lado nosso apreço infinito pela dominação carismática em todas as esferas sociais, inclusive na “cultura”, como revela

esse disparate de censurar biografias. Temos irrestrita admiração por todos os que usaram e abusaram da liberdade individualista nesse nosso mundinho relacional quando lhes perdoamos e não os criticamos, o que conduz a uma confusão trágica entre o uso da liberdade e o seu abuso irresponsável. Esses mimados pela vida e exaltados pelos amigos – os nossos maluquinhos – legitimam a ambiguidade que se consolida pelo pessoalismo do herói a ser lido pelo lado do direito ou do avesso. Esse avesso que, no Brasil, é confundido com a causa dos oprimidos num esquerdismo que tem tudo a ver com uma “ética da caridade” do catolicismo balizador e historicamente oficial. Com isso, ficamos sempre – como dizia aquele general-ditador – a um passo do abismo. Andar para trás é condescendência; para frente, suicídio.

Como gostamos de brincar com fogo, estamos sempre a um passo da legitimação da violência justificada como a voz dos oprimidos que ainda não aprenderam a se manifestar corretamente. E como não fazê-lo se jamais tivemos um ensino efetivamente igualitário ou instrumental para o igualitarismo numa sociedade cuñada pelo escravismo e por uma ética de condescendência pelos amigos e conhecidos?

Pressinto uma enorme violência no nosso sistema de vida. Temo que ela venha a ocupar um território ainda mais denso e seja usada para legitimar outras violências tanto ou mais brutais do que os “quebra-quebras” hoje redefinidos como “manifestações”. Protestos que começam como demandas legítimas e, infiltrados, tornam-se “quebra-quebras”. Qual é o lado a ser tomado se ambos são legítimos e, como é óbvio, dizem alguma coisa como tudo o que é humano?

Estou, pois, um tanto perdido e um tanto achado nessa encruzilhada entre demandas legais e prestígios pessoais. Entre patrimonialismo carismático e burocracia, os quais sustentam o “Você sabe com quem está falando?” – esse padrinho do “comigo é diferente”, “cada caso é um caso”, “ele é meu amigo”, “você está errado mas continuo te amando”... E por aí vai numa sequência que o leitor pode inferir, deferir ou embargar.

Embargar, aliás, é o verbo e a figura jurídica do momento em que vivemos e dos sistemas que se constroem pela lei, mas confundindo a regra com o curso torto, podre e vaidoso da humanidade, tem suas cláusulas de desconstrução. Com isso, condenamos com a mão direita e

embargamos com a esquerda; ou criamos os heróis com a esquerda e os embargamos com a direita. Construímos pela metade. O ponto que já foi ressaltado por mim algumas vezes é o simples: se conseguirmos assumir abertamente a ambiguidade há a esperança de controlá-la. E isso pode ser uma enorme vantagem num planeta cujo futuro é inevitável "brasileiramento".

Assim, ao sermos obrigados a

calvinisticamente condenar, como fazem os nossos brothers americanos que todo dia atiram nos próprios pés, podemos assumir em definitivo que todos têm razão. Afinal de contas, o Brasil é um vasto programa de auditório com pitadas de missa solene e jogo de futebol.

Roberto DaMatta é antropólogo

Transcrito e "O Globo"

Cada família do MFC

1 assinatura POR ANO!

Este é um compromisso do MFC com a conscientização e evangelização das famílias
ASSINE OU DÊ DE PRESENTE, CADA ANO,

Envie o nome e endereço de um filho, parente, amigo, compadre, afilhado, colega, vizinho, aluno, freguês... com um cheque nominal cruzado ao MFC ou efetue depósito na conta 27.249-3, agência 3139-9, do Banco do Brasil e remeta os dados pelo e-mail da Revista.

Assinatura anual: R\$ 32,00
(Trinta e dois Reais - 4 edições)

UMA ASSINATURA DE
**fato
e razão**

Tel/Fax: (32)3214-2952
- 2^a, 4^a e 6^a de 13:00 às 17:00 -
livraria.mfc@gmail.com

DISTRIBUIDORA MFC DE FATO E RAZÃO
Rua Barão de Santa Helena, 68
Juiz de Fora - MG - Cep 36010-520

AS DEZ ESTRATÉGIAS DE MANIPULAÇÃO MÍDIA

Noam Chomsky

O texto apresenta uma síntese clara e precisa das ideias que o autor, referência no tema, trata de forma mais extensa e aprofundada em livros, palestras e artigos, em especial no livro escrito em parceria com Edward Herman, *A Manipulação do Públíco*, no qual os autores exploram o tema com profundidade e muitos estudos de caso

Diferentemente dos sistemas políticos totalitários, nos quais a força física pode ser facilmente usada para coagir a população como um todo, as sociedades mais democráticas valem-se de meios de controle mais suaves e que passam despercebidos para a maioria, mas que são muitos eficazes. A seguir, veremos em que consistem as dez estratégias de

maneira detalhada, como influem na hora de manipular as massas e em que são baseadas.

1. A ESTRATÉGIAS DA DISTRAÇÃO

O elemento primordial do controle social é a estratégia da distração, que consiste em desviar a atenção do público dos problemas importantes e das mudanças decididas pelas elites políticas e econômicas, mediante a técnica do dilúvio ou inundação de contínuas distrações e de informações insignificantes. A estratégia da distração é igualmente indispensável para impedir que o público se interesse pelos conhecimentos essenciais, na área da ciência, da economia, da psicologia, da neurobiologia e da cibernetica. Manter a atenção do público distraída, longe dos verdadeiros problemas sociais, cativada por temas sem importância real. Manter o público



ocupado, ocupado, ocupado, sem nenhum tempo para pensar.

2. CRIAR PROBLEMAS E DEPOIS OFERECER SOLUÇÕES

Esse método também é denominado "problema-reação-solução". Cria-se um problema, uma "situação" prevista para causar certa reação no público a fim de que este seja o mandante das medidas que desejam que sejam aceitas. Por exemplo, deixar que se desenvolva ou intensifique a violência urbana, ou organizar atentados sangrentos, a fim de que o público seja demandante de leis de segurança e políticas em prejuízo da liberdade. Ou também criar uma crise econômica para forçar a aceitação, como um mal menor, do retrocesso dos direitos sociais e desmantelamento dos serviços públicos.

3. A ESTRATÉGIA DA GRADUALIDADE

Para fazer com que uma medida inaceitável passe a ser aceita, basta aplicá-la gradualmente, a gota-gota, por anos consecutivos. Dessa maneira, condições socioeconômicas radicalmente novas (neoliberalismo) foram impostas durante as décadas de 1980 a 1990. Estado mínimo, privatizações, precariedade, flexibilidade, desemprego em massa, salários que já não asseguram ingressos decentes, tantas mudanças que teriam provocado uma revolução se tivessem sido aplicadas de uma só vez.

4. A ESTRATÉGIA DE DIFERIR

Outra maneira de forçar a aceitação de uma decisão importante é apresentá-la como "dolorosa e desnecessária", obtendo a aceitação pública, no momento, para uma aplicação futura. É mais fácil aceitar um sacrifício futuro do que um sacrifício imediato. Primeiro, porque o esforço não é empregado imediatamente. Logo, porque o público, a massa, tem sempre a tendência a esperar ingenuamente que "tudo irá melhorar amanhã" e que o sacrifício exigido poderá ser evitado. Isso dá mais tempo ao público para acostumar-se à ideia de mudança e aceitá-la com resignação quando chegar o momento.

5. DIRIGIR-SE AO PÚBLICO COMO SE FOSSEM MENORES DE IDADE

A maior parte da publicidade dirigida ao grande público utiliza discursos, argumentos, personagens e entonação particularmente infantis, muitas vezes próximos à debilidade mental, como se o espectador fosse uma pessoa menor de idade ou portador de distúrbios mentais. Quanto mais tentam enganar o espectador, mais tendem a adotar um tom infantilizante. Por quê?

"Se alguém se dirige a uma pessoa como se ela tivesse 12 anos ou menos, em razão da sugestionabilidade, então, provavelmente, ela terá uma respon-

ta ou reação também desprovida de um sentido crítico"

6. UTILIZAR O ASPECTO EMOCIONAL MAIS DO QUE A REFLEXÃO

Fazer uso do aspecto emocional é uma técnica clássica para causar um curto-circuito na análise racional e, finalmente, no sentido crítico dos indivíduos. Por outro lado, a utilização do registro emocional permite abrir a porta de acesso ao inconsciente para implantar ou enxertar ideias, desejos, medos e temores, compulsões ou induzir comportamentos.

7. MANTER O PÚBLICO NA IGNORÂNCIA E NA MEDIOCRIADE

Fazer com que o público seja incapaz de compreender as tecnologias e os métodos utilizados para seu controle e sua escravidão. "A qualidade da educação dada às classes sociais menos favorecidas deve ser a mais pobre e medíocre possível, de forma que a distância da ignorância que planeja entre as classes menos favorecidas e as classes mais favorecidas seja e permaneça impossível de alcançar" (Cf. Armas silenciosas para guerras tranquilas, Ibidem)

8. ESTIMULAR O PÚBLICO A SER COMPLACENTE COM A MEDIOCRIADE

Levar o público a crer que é moda o fato de ser estúpido, vulgar e inculto

9. REFORÇAR A AUTOCULPABILIDADE

Fazer as pessoas acreditarem que são culpadas por sua própria desgraça, devido à pouca inteligência, por falta de capacidade ou de esforços. Assim, em vez de rebelar-se contra o sistema econômico, o indivíduo se autodesvalida e se culpa, o que gera um estado depressivo, no qual um dos efeitos é a inibição de sua ação. E sem ação, não há revolução!

10. CONHECER OS INDIVÍDUOS MELHOR DO QUE ELES MESMOS SE CONHECEM

No transcurso dos últimos cinquenta anos, os avanços acelerados da ciência têm gerado uma brecha crescente entre os conhecimentos do público e os possuídos e utilizados pelas elites dominantes. Graças à biologia, à neurobiologia e à psicologia aplicada, o "sistema" tem desfrutado de um conhecimento avançado do ser humano, tanto no aspecto físico quanto no psicológico. O sistema conseguiu conhecer melhor o indivíduo comum do que a si mesmo. Isso significa que, na maioria dos casos, o sistema exerce um controle maior e um grande poder sobre os indivíduos, maior do que dos indivíduos sobre si mesmos.

Noam Chomsky é filósofo e ativista sociopolítico mundialmente conhecido.

Transcrito da Vida Pastoral, nº 293

A Igreja de Francisco não é neutra

Raniero Valle *

Da outra vez foi diferente. Os Estados Unidos bombardearam o Vietnã, Nixon ia a Roma para se vangloriar do apoio do papa, Paulo VI havia escolhido a neutralidade e, por isso, não condenava a guerra norte-americana. Foi então que um grande número de cristãos das comunidades de base, recém-saídos do Concílio, puseram-se a caminho rumo à Praça de São Pedro para pedir que a Igreja se opusesse à guerra e tirasse qualquer alibi aos bombardeios punitivos sobre o Viemã do Norte. Mas, tendo chegado à colunata, encontraram a polícia italiana que lhes impediu o acesso à praça e os repeliu.

Desta vez, ao contrário, sobre a Síria o papa envia aos grandes do mundo uma mensagem inequívoca: "Abandonem toda vã pretensão de ação militar, comprometam-se, ao invés, com uma solução pacífica". E, para isso, convoca, na noite de sábado, 7 de setembro, na Praça de São Pedro, cristãos de base e de cúpula, crentes de outras fés e de nenhuma fé para parar a ofensiva aérea que os Estados Unidos e a França convocaram contra a Síria, mais uma vez sem oferecer ao mundo árabe outra coisa a não ser a guerra.

Portanto, o papado mudou, e a Igreja entendeu, assim havia sido convidada a fazer pelo cardeal Lercaro (o que não lhe foi perdoado), que "o seu caminho não é a neutralida-

de, mas sim a profecia": ainda com João Paulo II. Além disso, a Igreja Católica tinha encontrado a coragem de romper o fronte ocidental, opondo-se à agressão à Iugoslávia e aos dois conflitos do Golfo.

O que não mudou, ao invés, é a cultura laica e profana sobre a guerra, o seu refrão político: há um limiar - uma "linha-vermelha" - além da qual "é preciso fazer alguma coisa", e essa alguma coisa é a guerra, que, além disso, não serve para conquistar, mas para punir, é um freio para os malvados e é um exorcismo contra as armas "más" atacando as próprias vítimas com armas igualmente más.

Também é verdade, porém, que os motivos da guerra tomaram-se cada vez menos persuasivos, de modo que os guerreiros relutantes sentiram a necessidade de pedir o aval dos parlamentos. O Parlamento inglês disse não, o Congresso norte-americano empaca e pede que, em todo caso, se faça uma guerra com prazo, sem mortos norte-americanos e sem soldados terrestres, para não acabar como no Afeganistão e no Iraque. O Parlamento italiano está enfeitiçado e só pensa na *exit strategy* de Berlusconi, mas, em todo caso, o ministro da Defesa também jejua pela paz, e as bases italianas só são prometidas em caso de uma autorização da ONU, que por sorte não chega, porque a ONU, que em termos de estatuto não tem nenhum

direito de guerra, não deu nenhum mandato para ninguém bombardear a Síria.

Obama, que devia ser um presidente pacífico, corre o risco de ficar com o fósforo nas mãos, prisioneiro como é da cultura norte-americana, que o colocou novamente dentro das lógicas do passado e o fez cair em erros tipicamente norte-americanos.

O primeiro erro é aquele pelo qual ele foi criticado pelo patriarca de Antioquia dos melquitas, Gregorios III, por ter fomentado por dois anos o conflito na Síria, "alimentando o ódio e a violência", o que levou um notável fluxo de guerrilheiros estrangeiros para a Síria, uma maciça entrada de armas, um incremento de grupos islamitas e fundamentalistas, e uma grande confusão sobre o próprio atentado com armas químicas do dia 21 de agosto, pelo qual os próprios Estados Unidos, diz o patriarca, "um dia acusam as forças legalistas e, no dia seguinte, a oposição".

O segundo erro foi o de colocar sobre os serviços secretos e sobre as suas verdades a decisão sobre a guerra, quando os serviços de inteligência não têm a inteligência para decidir e nem mesmo dizem a verdade. Ao contrário, são feitos justamente para dizer mentiras, como fizeram com a famosa ampola que o secretário de Estado norte-americano expôs na ONU para justificar o ataque contra Saddam Hussein.

O terceiro erro foi o de estabelecer um evento externo como "linha

vermelha" para além da qual é preciso acionar a punição. E esse é o erro mais grave. É a velha ideia, herdada do West, da punição como catarse salvífica, como mítica restauração da ordem, é a ideia do justiceiro como ministro do bem, como diácono de Deus. Uma ideia que não tem nenhuma consistência política e nenhuma comprovação na realidade: as guerras não são um juízo, quem é "punido" não são os culpados, mas sim os mais indefesos, quem pune não é um juiz e quem sofre a punição nunca são os autores das ações que são imputadas, mas sim povos inocentes, vítimas dos seus líderes, e não dos seus inimigos.

Se o Ocidente deixasse de pensar nesses termos arcaicos, tudo poderia mudar. Ele deveria deixar de fazer ações que não escaparão do julgamento de Deus e da história, como disse o papa no Ângelus, sugerindo corajosamente que o juízo de Deus e da história será o mesmo. Se o Ocidente começasse a pensar em termos de relações equitativas entre Israel e povos árabes, esforçasse para um retorno do Estado judeu no direito comum e buscassem instaurar novas relações de compreensão e de confiança entre os povos da comunidade euro-atlântica e o Islã, não haveria apenas guerras a se fazer, mas finalmente haveria uma paz a se construir.

Raniero Valle é Jornalista e ex-senador italiano. Fonte: Boletim Eletrônico IHU.

O artigo foi publicado ao jornal II Manifesto, 07-09-2013. A tradução é de Moisés Sbardelotto

Transcrito do Boletim Rede

A bela velhice

Há uma geração que está rejeitando estereótipos e criando novos significados para o envelhecimento.

Mirian Goldenberg



No livro "A Velhice", Simone de Beauvoir, após descrever o drástico quadro do processo de envelhecimento, aponta um possível caminho para a construção de uma "bela velhice": ter um projeto de vida.

No Brasil, temos vários exemplos de "belos velhos": Caetano Veloso, Gilberto Gil, Ney Matogrosso, Chico Buarque, Marieta Severo, Rita Lee, entre outros.

Dúvido que alguém consiga enxergar neles, que já chegaram ou estão chegando aos 70 anos, um retrato negativo do envelhecimento. São típicos exemplos de pessoas chamadas "age-less", ou sem idade.

Fazem parte de uma geração que não aceitará o imperativo: "Seja um velho!" ou qualquer outro rótulo que sempre contestaram.

São de uma geração que transformou comportamentos e valores de homens e mulheres que tornou a sexualidade mais livre e prazerosa, que inventou diferentes arranjos amorosos e conjugais, que legitimou novas formas de família e que ampliou as possibilidades de ser mãe, pai, avô e avó.

Esses "belos velhos" inventaram um lugar especial no mundo e se reinventam permanentemente. Continuam cantando, dançando, caindo, amando, brincando, trabalhando, transgredindo tabus etc. Não se aposentaram de si mesmos, recusaram as regras que os obrigariam a se comportarem como velhos. Não se tornaram invisíveis, apagados, infeli-

zes, doentes, deprimidos.

Eles, como tantos outros "belos velhos" que tenho pesquisado, estão rejeitando os estereótipos e criando novas possibilidades e significados para o envelhecimento.

Em 2011, após assistir quatro vezes ao mesmo show de Paul McCartney, perguntei a um amigo de 72 anos: "Por que ele, aos 69 anos, faz um show de quase três horas, cantando, tocando e dançando sem parar, se o público ficaria satisfeito se ele fizesse um show de uma hora?". Ele respondeu sorrindo: "Porque ele tem tesão no que faz".

O título do meu livro "Coroas" é uma forma de militância lúdica na luta contra os preconceitos que cercam o envelhecimento. Tenho investido em revelar aspectos positivos e belos da velhice, sem deixar de discutir os aspectos negativos.

Como diz a música de Arnaldo Antunes, "Que preto, que branco, que índio o quê? Somos o que somos: inclassificáveis". Acredito que podemos ousar um pouco mais e cantar: "Que jovem, que adulto, que velho o quê? Somos o que somos: inclassificáveis.

*Mirian Goldenberg é antropóloga, professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro e autora de "Corpo, Envelhecimento e Felicidade" (Ed. Civilização Brasileira)

Transcrito da Folha de São Paulo

A união de um homem e uma mulher, fundada no amor, num projeto de vida a dois que inclui a constituição de uma família, firme desejo de estabilidade, respeito às individualidades, compromisso recíproco de empenho na plena realização pessoal do outro, é um relacionamento humanizador por excelência.

Os sacramentos divinos (III)



Os sacramentos divinos – Final

Helio Amorim

O potencial humanizador da união conjugal

Para os cristãos, numa perspectiva de fé, uma união assim assumida, se apresenta como um símbolo da relação amorosa e humanizadora de Deus com o seu Povo.

Se os que assim se unem, assumem a sua união com plena consciência de sua dimensão simbólica, e tomam o amor de Deus como inspiração e modelo para a vivência e crescimento do amor conjugal, este símbolo é proclamado como sinal ou sacramento do amor de Deus.

Dizemos que o sacramento, naquela visão de fé, é um sinal *sensível* (que se percebe pelos sentidos, é visível nos seus gestos e manifestações) e *eficaz* (reproduz e alimenta o seu conteúdo simbólico). Ou seja, o casal que assim se ama, nos faz recordar o amor de Deus e, ao mesmo tempo, faz crescer o amor daqueles que o assumiram nessa perspectiva sacramental.

O sacramento do matrimônio é um sacramento divino, por sua referência a Deus. Como nos demais sacramentos, há uma matéria prima indispensável: o amor entre um homem e uma mulher que, numa perspectiva de fé, tomam o amor de Deus por nós como modelo para o seu amor. Os que

assim se unem conhecem como o Deus da Bíblia nos ama: amor gratuito e fiel, amor-doação-serviço comprometido com a nossa humanização, que respeita a nossa originalidade, e aceita nossas limitações. Amor que não domina, antes nos liberta, que não manipula e sufoca, antes nos promove e ajuda a caminhar, um amor capaz de levar a dar a vida por nós (o que não é simples hipótese romântica mas morte real e de cruz).

Então percebem que a sua união, fundada no amor, é um sinal ou reflexo ainda que pouco luminoso do amor de Deus. Estão dispostos a viver esse amor numa profunda relação interpessoal, dialogal, de revelação mútua, comprometidos com a realização das potencialidades do outro, que se expresse em atos concretos e gestos simbólicos. Nunca fechado em si mesmo, mas aberto ao mundo e comprometido com a justiça e a humanização da história humana, nela intervindo, como Deus sempre o fez, em favor nos mais fracos. **Estão prontos, então, a proclamar que a sua união é um sacramento divino.** Para isso, convidarão a comunidade cristã, seus parentes e amigos, aos quais anunciarão a sua união e pedirão apoio para vivê-la nessa dimensão sacramental. Esse é o sentido da celebração religiosa do casamento que inaugura uma nova família cristã. A comunidade presente, consciente do que está sendo celebrado, responderá ao pedido do casal, comprometendo-se a ajudá-lo na concretização da sua disposição de se amarem sempre como Deus nos ama.

O sacerdote que, em nome da comunidade preside a celebração, reconhece e proclama, então, que essa união é um sacramento divino, cujos ministros são, na verdade, os que se casam. Porque, de fato, somente eles são capazes de dar à sua união essa dimensão sacramental. Este ritual tão emocionante e a vivência do casal serão os *sinais sensíveis* desse sacramento. A Graça que tornará esse *sinal eficaz* será derramada por Deus sobre o casal e sobre todos aqueles que assumiram o compromisso de ajudá-lo a viver a sua união como sacramento.

Temos que reconhecer que muitos, **talvez a maioria dos casamentos que se celebram nas igrejas, não são sacramento**, não obstante a bela coreografia montada, com música, flores e tapetes. Não passam de um ato social, enraizado na nossa cultura, mas nada tendo a ver com a fé, sem referência consciente ao amor Deus tomado como modelo de uma união humanizadora, com os compromissos dele decorrentes. Por outro lado, **há graus de sacramentalidade matrimonial.** Se a dimensão sacramental decorre da qualidade e profundidade do amor que une o casal, quanto mais se amam, mais se assemelhará o seu amor ao amor de Deus, portanto, mais nítida e real será a sua sacramentalidade. **Na vivência do casal, ao longo de sua vida conjugal, haverá tempos de maior e tempos ou momentos de menor densidade sacramental.** Essa concepção repre-

senta um desafio evidente. Quer dizer que o **sacramento não é um selo de garantia ou marca indelével e definitiva gravada numa linda celebração.**

Aquele não foi um ato mágico, que transformou em sacramento o que antes não era. Na verdade, a **sacramentalidade nasceu no momento em que os dois reconheceram a semelhança do seu amor com o amor de Deus e o assumiram como tal.** A celebração foi o anúncio e o pacto estabelecido com a comunidade cristã. Tampouco ficou definido, naquele momento, o grau de sacramentalidade da sua união. Talvez fosse apenas incipiente e ainda débil essa dimensão sacramental, diante do imenso potencial de crescimento e amadurecimento do amor dos dois.

Esse é o desafio: **a sacramentalidade da união conjugal é chamada a crescer, consolidar e aprofundar-se.** Ou seja, o amor que os uniu terá que ser cultivado cuidadosamente, no dia-a-dia da vida conjugal e familiar para que cada vez mais se pareça com o amor de Deus. Assim, todos os gestos e ações que contribuem para o crescimento do amor, acrescentarão mais densidade sacramental à união conjugal. O carinho e gestos de ternura, o relaci-

onamento sexual como expressão e celebração festiva do amor, a ajuda mútua, o reconhecimento das qualidades do outro, o incentivo à sua realização pessoal, o respeito à individualidade - tudo contribuirá para o crescimento do amor e, portanto, para a crescente densidade sacramental da união conjugal. Mas vice-versa: **a falta desses alimentos pode esvaziar o amor e a sacramentalidade no princípio assumida.** Podemos concluir que o potencial humanizador da união do homem e da mulher está diretamente relacionado com a sua sacramentalidade, se esta tem sua densidade definida pela profundidade do amor humanizador que os une. **Isto vale para os cristãos e os não-cristãos.** Estes, se vivenciam a sua união fundada num amor humanizador semelhante ao amor de Deus, não saberão, por estar ausente a fé, que nela há uma dimensão de sacramentalidade, não expressa e proclamada. Essa dimensão é percebida pelos que os conhecem e os veem com os olhos da fé. Em qualquer tempo poderão descobri-la e anunciar com alegria a sacramentalidade só então percebida. E reconhecer que ela é muito anterior à descoberta tardia.

"Descomplicando a fé" –
Editora Paulus



Há somente dois dias durante o ano em que não podemos fazer nada: ontem e amanhã.

Gandhi

EMERGÊNCIA:

O eletricista entra na UTI de um grande hospital, olha os pacientes conectados aos diversos tipos de aparelhos e diz:

- Respirem fundo, vou trocar um fusível!

CONFISSÃO:

O condenado a morte espera a hora de execução, quando chega o padre:

- Filho, trago a palavra de Deus para ti.

- Perde seu tempo padre, já já vou falar com ele pessoalmente. Algum recado?

VELÓRIO:

O velho acaba de morrer e o padre na cerimônia manda os elogios.

- O finado era um bom marido, excelente cristão, um pai exemplar!!!!

A viúva vira para um dos filhos e lhe diz no ouvido:

- Vá até o caixão e veja se é mesmo seu pai que está dentro...

PADRE POLITICO

Um burro morre em frente a uma igreja e, como uma semana depois o corpo ainda estava ali, o padre decide falar com o prefeito.

- Senhor Prefeito, tem um burro morto a uma semana em frente à igreja!

O prefeito, grande adversário político do padre responde:

- Mas padre, não é o senhor quem tem a obrigação de cuidar dos mortos?

- Sim! Mas também é minha obrigação avisar aos parentes!

REBELDE

Uma jovem rebelde muito liberal, entra num bar completamente nua. Para na frente do garçom e lhe pede:

- Quero uma cerveja bem gelada! O garçom fica pasmo, olhando-a de cima em baixo...

- O que é? - diz ela- Nunca viu uma mulher nua antes?

- Sim, muitas vezes.

- E então, o que está olhando?

- Quero ver de onde vai tirar o dinheiro para pagar a cerveja!

SOGRA (não podia faltar)

- Conhece o castigo para a bigamia?

- Ter duas sogras.

BODAS DE PRATA

O casamento chega aos 25 anos e a esposa pergunta ao marido:

- Amorzinho, que presente vai me dar pelas nossas bodas de prata?

- Uma viagem para a China.

A mulher, surpresa pela magnitude do presente, comenta:

- Benzinho, se para os 25 anos de casado me dá isso, o que me dará quando completarmos os 50 anos?

- A passagem de volta...

SUPERMAN

Alguns amigos se encontram no bar, Pedro aparece todo machucado e João lhe pergunta:

- Mas... quem te atropelou?

- Minha mulher... - responde Pedro.

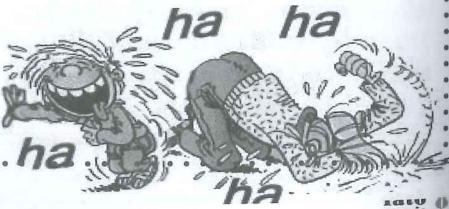
- Você atravessou quando ela dava ré?!... Como foi isso?

- Ela me deu uma surra quando cheguei em casa como Superman.

- Como Superman? - Como foi?...

Chegou voando?

- Nada disso, apenas cheguei com a cueca por cima das calças...

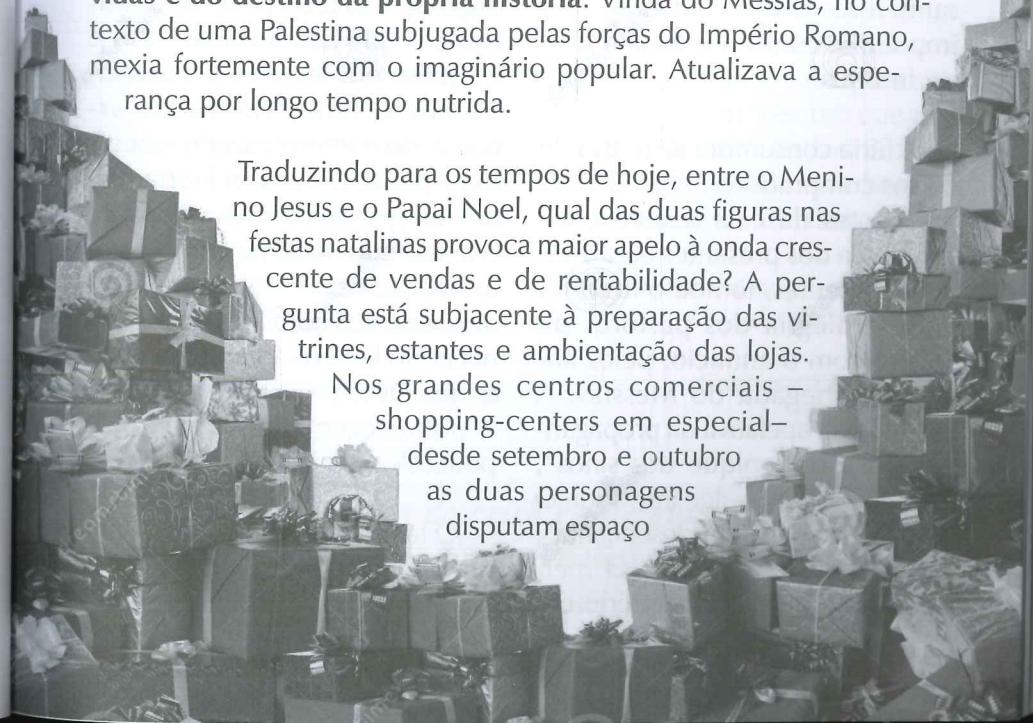


O Natal e suas contradições

Pe. Alfredo J. Gonçalves

Tradicionalmente, são várias e diferenciadas as personagens e suas atitudes nos relatos natalícios dos Evangelhos. Do ponto de vista da Sagrada Família (José, Maria e o Menino), deve defender-se da fúria de Herodes contra o recém-nascido, o que resulta na "legendária" fuga para o Egito. Herodes, por sua vez, teme um rival ao trono e trata de eliminar pela raiz a possibilidade dessa ameaça. Já os pastores e os reis magos acolhem com inusitada alegria da chegada do tão esperado Messias. A estrela é o símbolo de que algo se descontina no horizonte.

Sejam ou não relatos pós-pascais, construídos para entender o mistério da Encarnação e adequar solememente a "descida" do Deus feito homem, de qualquer forma traduzem um contexto sociohistórico da época. **Ou seja, enquanto os poderosos temem e tremem diante das forças rivais vindas da base e da periferia, os pequenos se regozijam com a possibilidade de mudanças na trajetória de suas vidas e do destino da própria história.** Vinda do Messias, no contexto de uma Palestina subjugada pelas forças do Império Romano, mexia fortemente com o imaginário popular. Atualizava a esperança por longo tempo nutrida.



Traduzindo para os tempos de hoje, entre o Menino Jesus e o Papai Noel, qual das duas figuras nas festas natalinas provoca maior apelo à onda crescente de vendas e de rentabilidade? A pergunta está subjacente à preparação das vitrines, estantes e ambientação das lojas.

Nos grandes centros comerciais – shopping-centers em especial – desde setembro e outubro as duas personagens disputam espaço

entre os enfeites, luzes e mercadorias. No cenário profusamente iluminado do emblemático pinheiro, com todas as bugigangas nele penduradas, não pode faltar o presépio nem o personagem vestido de vermelho e branco.

A verdade é que, com o passar dos anos, a motivação do Natal se deslocou do nascimento de Jesus para as inovações de um mercado que nada poupa para ampliar as vendas e os lucros. A Boa Nova do Evangelho cedeu espaço aos modismos da produção em massa, particularmente voltada para as famílias e as crianças. A ânsia ou a compulsão das compras substituiu a mística das celebrações. A sede de Deus tenta saciar-se com novidades cada vez mais numerosas e diversificadas, não importa se made in China, in USA ou in Brazil.

A fúria consumista da massa de novos compradores, atrás dos ingredientes da ceia natalícia, ou em busca dos presentes para amigos e parentes, tomou o lugar da singela alegria dos pastores de Belém com o anúncio, pelos anjos, da chegada do Messias. A estridência apelativa da propaganda abafa o "repique dos sinos", metáfora rural de algo inovador. O período do Natal se "desencanta", como diria Max Weber. O mercado rasga o véu do mistério e o

sagrado se dilui no burburinho ruidoso das ruas, galerias e anúncios de publicidade.

Nada contra o direito de adquirir os produtos do progresso e da tecnologia. Tal direito deve ser estendido a todas as camadas sociais. Mas é inegável que o tamanho do bolso gera uma hierarquia diferenciada, onde uns curtem uma euforia descontrolada, enquanto outros amargam a vergonha de não poder satisfazer desejos mí nimos dos próprios filhos. Em pleno clima de Natal, sucesso e frustração coexistem lado a lado, escancarando como nunca as injustiças e desigualdades sociais.

Tampouco se trata de voltar ao saudosismo do ambiente rural, tradicional, marcado pela voz dos sinos e o tom das novenas. Mas é evidente que o mundo contemporâneo, industrializado, urbanizado e informatizado, constitui a pátria de uma minoria, enquanto grande fatia da população vive as festas natalinas como eventos de fachada e de imitação barata, com o sentimento de permanecer do lado de fora do banquete que Deus preparou para todos. A porta segue cerrada para não poucos!

O fato é que, como já nos lembrava o velho Marx, o capitalismo faz da mercadoria um fetiche. Ela

necessita da benção e legitimação de algum ser igualmente misterioso. É então que entra em cena o Papai Noel. O bom velhinho de cabelos e barbas brancas, indumentária familiar, morador de um país longínquo e desconhecido, com um veículo nada moderno, vem magicamente incrementar o processo de compra-e-venda e a rentabilidade do capital. As próprias casas comerciais se revestem de uma auréola sagrada, com música, luzes e sons natalícios.

Nesse ambiente misto de sagrado e profano, o Menino Jesus parece um tanto quanto envergonhado diante da movimentação frenética que se cria ao redor do Papai Noel. Este recebe visitas e mais visitas, é fartamente fotografado, distribui sorrisos e abraços e goza da companhia disputada por uma fila sem fim de crianças ansiosas... Já o Outro, embora pobre e recém-nascido (ou talvez por isso), não chama muita atenção, não atrai multidões, passa meio que despercebido, permanecendo como que deslocado nesse ambiente festivo e iluminado.

Retrato de um mundo materialista, em franco processo de se-

cularização e carente de significado. Farto de coisas e imagens, cores e sons, novidades em tecnologia e produtos. Rico de variadas formas de ter e prazer, mas pobre de sentido. Tão pobre que necessita de uma porção de objetos para preencher o vazio da alma ressequida. Porém, quanto mais desses objetos procura adquirir, maior se faz a sede do espírito. Aí está a astúcia do fetiche: a felicidade parece ser inversamente proporcional às coisas que se acumula para garantir-la. Pior ainda, parece afastar-se à medida que lutamos para adquiri-la.

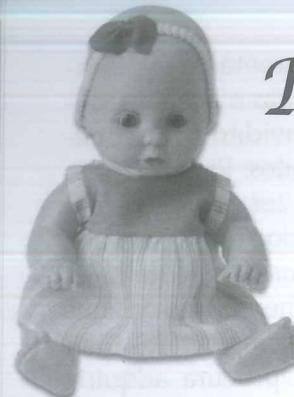
A um canto, o Menino recém-nascido, mesmo mudo e cego pelo excesso de luminosidade, quase invisível e escanteado, insiste em proclamar a Boa Nova do Evangelho. Na confusão de tantas novidades materiais, sua presença aponta para um "tesouro que a traça não rói nem os ladrões roubam". Algo que todos buscam, embora poucos admitam.

Pe. Alfredo J. Gonçalves é Assessor das Pastorais Sociais

Colaboração recebida da Coord. de S.Paulo

Nos momentos de crise é que surgem as mais poderosas ações

Paiva Netto



Pedido de Natal

Déa Januzzi *

Ele parou diante do corredor de brinquedos no supermercado. Olhava para a boneca de plástico, a R\$ 3,50, encantado, como se um ímã o impudesse de fazer o resto das compras. Ele sorria, secretamente, para a boneca, com certeza, pensando na filha em casa. A promoção, com cheque para oito de janeiro, entretanto, não conquistou aquele senhor, com uma cesta pequena para as compras do final de ano: um pacote de cinco quilos de arroz, um de feijão, sobrecoxas de frango e uma vontade enorme de levar a boneca de plástico para a filha.

Ele olhou, olhou, deu mais voltas pelos corredores do supermercado, pesquisou o preço do vinho, do peru da ceia, mas não levou nada. Nem a boneca. Só o básico. A menos de 20 dias do Natal, a cena no supermercado conseguiu acabar com o meu dia. Tive vontade de comprar a boneca e correr atrás daquele senhor. Dar a boneca de presente. Mas me contei: o que ele ia pensar de mim?

Ele nem me viu. Não estava me pedindo nada. Só fazia as compras de que necessitava. Nem mais nem menos. O que eu ia dizer para ele, quando oferecesse a boneca? Que li os seus pensamentos, que eu queria invadir a sua vida com um presente que ele mesmo deixou para uma ocasião mais oportuna?

A cena no supermercado mereu com as minhas fantasias de mãe, que nem bem o filho expressa um desejo e lá vou eu correndo para atender. A cena no supermercado me lembrou que até o meu filho fica irritado quando chego em casa com algum presente que ele não pediu. O que diria, então, aquele senhor quando uma estranha lhe entregasse a boneca?

Imediatamente, devolvi a boneca para a prateleira. Mas também não tive mais vontade de fazer compras. Voltei para casa, sem comprar o que precisava. Incomodada, não quis fazer mais nada, a não ser pensar que época de Natal é sempre assim. Dá um nó na garganta da gente. Depois daquela cena, não consegui mais parar de pensar que as luzes do Natal

não iluminam todas as casas. Nem se acendem para todos. Que as desigualdades sociais ficam mais intoleráveis nessa época do ano.

Pensei no padre Mauro Luiz da Silva, pároco da Igreja Nossa Senhora do Morro, no Aglomerado Santa Lúcia, que num certo Natal pediu às pessoas que parassem de enviar brinquedos estragados. "Já temos muitos carrinhos sem roda, bonecas sem braços e pernas. Precisamos de material escolar, para que as pessoas possam transformar a vida, e não das sobras de um consumismo sem fim", proclamou padre Mauro. há cinco natais passados. A cada ano, padre Mauro tem de lembrar que não é só no Natal que as pessoas devem se sensibilizar. Diante das injustiças sociais, a indignação deve durar o ano inteiro.

Pensei no irmão salesiano Raimundo Rabelo Mesquita, que, num certo Natal, me levou para

conhecer a realidade de uma família que vivia num barraco, debaixo de um viaduto. Eles tinham até um jumento, que ajudava a aumentar a renda da família. Quando entrei naquele barraco, com mais de dez crianças dormindo juntas, percebi que o espírito de Natal estava ali, bem debaixo do meu nariz, no pedido aflito de uma mãe. Ela queria um banheiro com portas, para que seus filhos pudessem tomar banho com dignidade. Pensei naquela mãe do Aglomerado da Serra que tinha um sonho de Natal: dar um bife para cada um dos seus seis filhos.

Depois daquela cena no supermercado, gostaria de montar outra árvore de Natal, com os pedidos de todas essas mães, onde pudesse pendurar os pequenos milagres da vida.

* Déa Januzzi é Cronista do jornal Estado de Minas

Transcrito do livro Coração de Mãe

A adversidade desperta em nós capacidades que, em circunstâncias favoráveis, teriam ficado adormecidas

Horácio



Gotas para reflexão

Colaboração de Geni Fioreze Dariva

Uma vida equilibrada só tem respostas agradáveis, respostas simpáticas, respostas bondosas... Mas e por que tantos casais se tratam com tão pouca ternura? Por que tantos pais não vivem o carinho com seus filhos? Por que tantos filhos são tão ásperos com seus pais? Por que esquecemos que fomos criados por um Deus que é amor?

Existe um caminho tão simples para chegar junto à pessoa: o caminho do afeto, da compreensão, da humildade... o caminho de quem procura dar soluções, auto-estima, valorização, esperança, confiança e amor. Não digamos aos nossos filhos que a vida é dura, mostremos a eles que o caminho se faz caminhando. Se queremos a paz no mundo, é preciso – para tanto – viver esta paz dentro de nosso mundo.

Um abraço não diminui a autoridade de um pai, de uma mãe. Antes, pelo contrário, um abraço deixa o pai ou a mãe com mais força, mais próximo do adolescente e do jovem. Ah! Se os pais soubessem a grandiosidade de se dar um abraço, de dar crédito às fantasias do adolescente ou aos sonhos do jovem! ... Mas é preciso paciência... é preciso ter muita habilidade... “Pegam-se mais moscas com mel do que com vinagre”.

É muito importante que a família assuma a responsabilidade da informação e da educação de seus filhos a fim de que estes tenham uma vida saudável e consciente.. Eis a razão de tantas perguntas hoje:

Por que os adolescentes e os jovens são tão desequilibrados no relacionamento entre

eles? Por que tantas dificuldades na educação para o amor?

O afeto e o carinho com que a educação dos filhos precisa acontecer não deveria ser uma situação natural?

Por que tanto barulho para se informar e formar um filho?

O amor, a dedicação, o afeto acontecem no aconchego, na tranquilidade de espírito, na paz... “Que os filhos conheçam a força que brota do amor”(Pe.. Zezinho)

Que bom se os filhos aprendessem no colo dos pais a se respeitarem, a se amarem! Falar de afetividade, de carinho parece assunto passado, sem importância. Não estamos falando de situações isoladas. Estamos refletindo a urgência de repensarmos a vida, o relacionamento entre pais e filhos, entre família e comunidade. Não

esqueçamos que só uma vez nosso filho, nossa filha tem 1 ano, 2 anos, 3 anos... Só uma vez tem 14 anos, 15 anos... Só uma vez tem 18 anos, 20 anos...

Nós louvamos o Senhor porque nos fez família, nos fez comunidade e nos fez sociedade. Peçamos ao Senhor que todos possam viver o bem, a paz e o amor, redescobrindo o grande bem de termos sido criados à imagem e à semelhança de Deus. Que Deus nos ajude a viver em família, cuidando do mundo a fim de que ele seja a casa de todos, lutando para que todos tenham teto, comida, escola, trabalho, saúde e fraternidade.

Que todosせjamos verdadeiros discípulos e missionários em nossas famílias e em nossas comunidades.

Mefecista de Erechim(RS)

RELENDOS TEXTOS ESQUECIDOS

“A fé sem obras é morta”

Thiago 2, 14-19,26

14. De que aproveitará, irmãos, a alguém dizer que tem fé, se não tiver obras? Acaso esta fé poderá salvá-lo?
15. Se um irmão ou uma irmã faltarem roupas e o alimento cotidiano,
16. e algum de vós lhes disser: Ide em paz, aqueci-vos e fartai-vos, mas não lhes der o necessário para o corpo, de que lhes aproveitará?
17. Assim também a fé: se não tiver obras, é morta em si mesma.
18. Mas alguém dirá: Tu tens fé, e eu tenho obras. Mostra-me a tua fé sem obras e eu te mostrarei a minha fé pelas minhas obras.
19. Crês que há um só Deus. Fazes bem. Também os demônios crêem e temem.
20. Assim como o corpo sem alma é morto, assim também a fé sem obras é morta

Solidão moderna



Anna Verônica Mautner

Queremos estar no meio de gente, nas academias ou em concertos de rock, mas não queremos interagir. Cada dia mais, a vida urbana vai se organizando em torno de características semelhantes às da ágora/ mercado da Antiguidade.

Nesses espaços públicos, todos os segmentos da população se encontravam, livres para entrar, sair, falar, silenciar, ouvir, trocar. Não eram restritos a segmentos, castas ou classes. O religioso procurava atrair fiéis, o político procurava rodear-se de simpatizantes, os camponeses traziam seus produtos para trocar e vender.

ESPAÇO PÚBLICO ESPAÇO LIVRE

Hoje figuram entre as atividades da moda ir a concertos de rock, freqüentar academias de ginástica, fazer caminhadas, andar de bicicleta, fazer sauna etc.

Todas essas modalidades são realizadas isoladamente, promovendo encontros esporádicos. Será que existe algo em comum entre

a velha ágora e o mundo que estamos montando?

Parece-me que estamos voltando para uma época mais sensorial e oral. Em todas essas atividades eu estou em contato comigo mesma, meu corpo, meu aparato sensorial. Não estou me referindo apenas a prazeres solitários, como ler ou ouvir música. Existe algo a mais.

Muitas dessas atividades são autônomas, porém realizadas em lugares públicos, com a presença de outros. Todas dispensam organização e planejamento. Todas são realizadas em lugares aonde você vai sem ter que marcar horário. Você quer estar no meio de gente, mas sem interação um a um. Estaremos voltando ao café parisiense, que tinha muitas dessas características?

As redes sociais são novas aquisições da condição de ser humano, além de vivente. Você conhece, mas não encontra. Procura ou não procura, informa e se informa no seu ritmo e de acordo com sua necessidade.

Sentimos muita falta desse recurso de semianonimato, ainda mais que nos últimos anos cresceu muito e ficou forte o mecanismo de inclusão e exclusão. Nas redes sociais, o fenômeno de exclusão se dilui, como se diluía nas praças da Antiguidade, primeiro refúgio da sociedade que veio a se tornar a sociedade ocidental.

Isso tudo ocorre porque o homem dispõe de um aparato indispensável à liberdade: a linguagem. Somos mais do que meros sobreviventes com recursos. Somos o homem político, como diziam os gregos: aquele que, se quiser, pensa, leva em conta o seu semelhante.

A caminhada silenciosa, a tranquilidade das academias, o

isolamento na multidão dos shows de rock são os campos de exercício do homem político no século 21. Estamos aperfeiçoando a pertinência a esses espaços, onde reasseguramos nossa condição de humanos.

PS. Se eu não tivesse lido Agamben, Foucault e Hannah Arendt, talvez não entendesse o fenômeno dessa forma.

Anna Verônica Mautner é psicanalista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, é autora de "Cotidiano nas Entrelinhas" (ed. Ágora) e "Educação ou o quê?" (Summus)

Transcrito do caderno Equilíbrio da Folha de São Paulo

AVISO AOS ASSINANTES

1. Para renovação de sua assinatura utilize PREFERENCIALMENTE o envelope de depósito bancário que lhe for encaminhado.

2. Se utilizar outro envelope ou fizer uma transferência, NÃO DEIXE DE NOS INFORMAR, pelo telefone (32) 3214.2952, 2^a, 4^a e 6^a, de 13:00 às 17:00 h ou pelo endereço eletrônico da livraria: livraria.mfc@gmail.com

3. Caso a remessa de sua revista seja interrompida, favor também nos comunicar pelos meios acima, pois seu pagamento poderá estar pendente de identificação.

4. O vencimento de sua assinatura será comunicado com a remessa do último número pago, juntamente com o envelope bancário para depósito da renovação.

Temos o máximo interesse em continuar a mantê-lo como assinante.

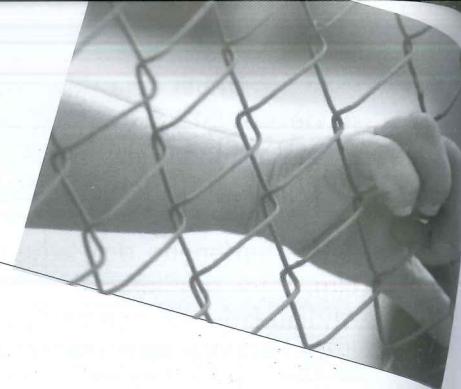
PELO EQUILÍBRIO

Discussão sobre a maioridade penal reacende debate sobre papel do Estado na promoção do bem-estar social

Por Jussara Goyano*

A lei que fixou a maioridade penal em 18 anos data de 1940, mas muita coisa mudou, de lá pra cá. Diferente 73 anos atrás (e já há muito tempo), as famílias não são as mesmas. Aos 15, 16 anos dificilmente um jovem brinca de boneca e pião. Aos 16 é quando já se namora, já se pode votar, trabalhar, ser emancipado e dirigir. Nessa idade, **muitos** adolescentes já consomem, desenfreadamente, drogas licitas ou ilícitas e vivem com a mesma liberdade experimentada por adultos. Diante de um contexto social tão diferente daquele em que a maioridade penal foi definida, e diante de casos cada vez mais alarmantes de violência praticada por menores, questiona-se, assim, se não seria a hora de rever as leis vigentes.

A partir dessa questão ainda surgem outras dúvidas, no caso de uma mudança na maioridade penal, reduzindo-se a idade de imputabilidade do infrator. Obser-



vando-se iniciativas como **Fundação Casa** (antiga Febem) e o atual sistema penitenciário brasileiro, mudanças no Código Penal, no Civil e no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) resolveriam a situação? E a prática jurídica o que acompanharia? A lei ou a realidade das instituições punitivas e resocializadoras? O que fazer, ainda, para mudar, *status quo* de prisões e fundações que deveriam encaminhar o indivíduo à cidadania e não conseguem fazê-lo? Um menor infrator teve as mesmas condições de desenvolvimento social, psíquico e moral de outros jovens? É quando se verifica que nem todos os jovens obtêm bom desenvolvimento social psíquico e moral, que se deve evocar a equidade de direitos para além dos objetivos jurídicos no âmbito do bem-estar da população. Chegamos, assim, ao ponto central em um debate que repensa não só o tema da maioridade penal respondendo a diversas das perguntas an-

teriores, mas o papel do Estado como promotor do bem-estar coletivo, seja ao formular suas leis e princípios ou ao restabelecer e garantir direitos aos jovens (e a segurança aos cidadãos) por meio das instituições nas quais pode intervir. Devemos reduzir a maioridade penal? A resposta pode ser sim, ou não, mas mudanças para melhor aparelhar o Estado com relação à promoção do **bem-estar social** se mostram como importante demanda, na palavra de diversos especialistas.

CULTURA E MEDICINA

A história mostra que há aspectos culturais fortemente negativos que moldam a sociedade brasileira desde seus primórdios coloniais. Dentre outras áreas nas quais eles têm profunda influência está a segurança pública. Embora as leis se estabeleçam, são esses que moldam práticas jurídicas, punitivas mesmo, decisões governamentais. E é sob o risco de revisitar ou reforçar esses aspectos que aconteceria a revisão da maioridade penal. O sociólogo Adalton Marques, mestre em Antropologia Cultural e pesquisador na área de segurança pública, professor da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP), ressalta bem um desses aspectos, em entrevista à *Carta Maior*. Sobre a segurança no Estado de São Paulo, por exemplo, Marques fala da

influência frequente de uma espécie de "política de extermínio" por parte de um governo conservador, cujas vítimas de ações enérgicas da polícia acabam sendo sempre os "3 Ps (pretos, pobres e periféricos)".

Para ele, a mídia corrobora a visão maniqueísta desse governo: não são computadas as insatisfações dos 3 Ps da população, que clama por um bem-estar que o Estado não é capaz de proporcionar. Para Marques, a cobertura jornalística, em geral, com raras exceções, mostra um crime organizado sob estrutura frágil, sem considerar o sentido e as bases reais de suas manifestações. A comoção social seria uma frequente consequência dessa visão maniqueísta do Estado e da mídia, colaborando para que medidas de combate ao crime sejam pautadas no calor de uma discussão que deveria ser bem mais profunda, levando em conta a verdadeira contra-partida do Estado no *status* da criminalidade.

André Luís Callegari, doutor em Direito Público e Filosofia Jurídica, professor da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, em entrevista à revista do Instituto Humanitas Unisinos (IHU), declarou-se contra a redução da maioridade penal, dentre outros fato-

res, também pela prática comum de se decidir esses assuntos, oportunamente, com base em comoção social. "Os argumentos favoráveis são mais emotivos e populistas", ele diz.

Aprovar a maioridade penal seria, para ele, uma mera transferência física do lugar de cumprimento da pena, em um sistema penal falso, que, na palavra de Callegari, se estenderia a toda América Latina. "A pena deveria ser resocializadora e retributiva, mas não cumpre nenhum desses papéis."

Ainda em declaração ao IHU, Cailegari explica que, muitas vezes, o menor de idade cumpre uma medida socioeducativa mais dura, a pena máxima de três anos, isso enquanto um maior penalmente responsável, ao cometer um homicídio simples, quando condenado sob a pena mínima, consegue remissão de pena de seis para um ano. Também a contenção da violência não deve se restringir à responsabilidade do sistema penal. O professor diz que é preciso oferecer oportunidade aos jovens que têm a violência como base para sua identidade social.

Há ainda que se considerar não só aspectos culturais, mas orgânicos, médicos, no debate sobre a mudança na maioridade

penal. O psiquiatra forense Guido Palomba alerta para a questão de existir, em termos de desenvolvimento psíquico e cognitivo, uma zona fronteiriça entre o adolescente e o adulto, a ser considerada para a imputabilidade penal. Isso como já acontece entre adultos, os quais podem apresentar características que os levem à semi-imputabilidade. Seria uma espécie de discernimento parcial.

"Não acho que vá resolver", comenta Palomba, contra a redução da maioridade penal, mas em defesa, no entanto, de mudanças na forma de se punir o crime hediondo entre menores. Sobre o atual Código Penal, porém, o psiquiatra não tem queixas – em sua concepção, é um dos melhores do mundo, superior, inclusive, ao inglês, que prevê penas severas para crianças de 12 ou 13 anos (para a Psiquiatria, um absurdo).

O ESTADO E A FORMAÇÃO

Está no Código Penal no art 26, a mencionada semi-imputabilidade, bastando que se regulamente sua prática. Tal artigo prevê, para o indivíduo semi-imputável, redução da pena em um ou dois terços, tal qual seja a natureza do crime cometido. Palomba vê com bons olhos sua aplicação, entendendo que o menor receberá, no caso, uma pena de adul-

to, mas reduzida por sua semi-imputabilidade, a ser cumprida, na menoridade, na Fundação Casa ou em instituição similar. Depois, segue para a penitenciária, ao completar 18 anos.

"Reducir a maioridade penal só irá nanter o maniqueísmo: ou é tudo, depois dos 16, 18, ou é nada, mesmo que falte somente um dia para se chegar à maioridade", entende Palomba. "A natureza não dá saltos, e esta é a única lei pétreia que não está sendo respeitada", diz o psiquiatra. Enquanto se faz necessário para ele, considerar a adolescência como uma "zona cinzenta" do desenvolvimento, o ECA segue tratando esses jovens sob as mesmas premissas que aplica a crianças. "Para crianças até os 12 anos, o ECA é ótimo, funciona muito bem. A partir disso para os adolescentes, nem tanto."

Guido Palomba cita a educação e a formação do indivíduo como formas de prevenção ao desenvolvimento de "conduto-patas" e à violência urbana, em geral. E critica o limite de três anos de internação para menores - o período, segundo ele, seria insuficiente para ajustar determinadas condutas. Também o sociólogo Carlos Augusto dos Santos, um dos criadores da Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado do Amazonas,

tendo atuado como ouvidor de um município indígena na divisa com Venezuela e Colômbia, vê na formação do indivíduo um dos pontos nevrálgicos para evitar a criminalidade.

Ele é a favor da redução da maioridade penal, mas, ainda assim, seu ponto de vista se baseia na necessidade de reformas não apenas na lei, mas em todos os aspectos que culminam no atual flagelo da segurança pública brasileira. "Creio que nossas instituições estão falidas e temos que começar a repensá-las por completo. O que a Fundação Casa oferece? O que o Estado oferece?", pergunta Santos e inclui aí, como instituição em falência, a família, "Parei para pensar no assunto quando vi que algumas mães me procuravam para dizer que não sabiam mais o que fazer com os filhos, embora o conselho tutelar sempre estivesse colocando que os pais eram e são os responsáveis por eles", conta Santos. Ele, então, indaga: como podemos culpar uma família desestruturada pelas ações de seus filhos? Seiá que não devemos começar a pensar nessas mudanças no contexto familiar mais profundamente, sociologicamente falando? "Também não podemos deixar que o Estado venha controlar a família. Esse é outro debate que devemos fazer", ressalta, com cuidado, o sociólogo.

Santos cita também a atenção à educação como fator preventivo à marginalidade dos jovens, a exemplo da escola em tempo integral. Mas destaca: se o estudante voltar da escola e não tiver outro suporte em casa, o que vai adiantar?

REFERÊNCIAS

Sobre as instituições sociais, em geral, Carlos Augusto dos Santos vai mais além: "Acho que temos de fazer todas as reflexões possíveis para mudar esta realidade. Em trinta anos, as mudanças foram pequenas no Brasil, não fizemos nenhuma grande reforma como a política, a educacional, na área de saúde, transporte, habitação... e, pior ainda, sinto falta de que a intelectualidade participe mais "na base", diz o sociólogo. É na academia que ele acredita estar a intervenção correta para as mudanças necessárias, mas trazendo as referências acadêmicas para o dia-a-dia da população (e que sejam atuais).

"Desde os meus tempos de academia sempre tive como espelho pessoas como Darcy Ribeiro, Paulo Freire, Milton Santos, Celso Furtado... É disso que sinto falta, de novos pensadores, depois de Bourdieu, dentre outros que, para meu espanto, fui buscar na literatura", comenta Santos.

Como observa Walter Marcos Knaesel Birkner, sociólogo e professor do curso de Ciências Sociais e do Mestrado em Desenvolvimento da Universidade do Contestado, nossas leis têm fundamento em referências antigas. Elas tratam criminosos como produto da sociedade e tal tratamento, ele explica, tem suas origens no pensamento de Rousseau. O filósofo oitocentista francês sugere uma visão idílica do ser humano, que seria por natureza bom, mas que é corrompido pela sociedade.

"Assim, a natureza e responsabilidade de seus atos, como os atos dos criminosos, não estaria nos indivíduos, mas seria culpa da Sociedade", explica Birkner. "Juristas, filósofos, sociólogos e economistas, pedagogos, entre outros, sabem do que trata. É só lembrar de *Emílio*, obra do autor. Essa compreensão antropológica subjaz nossa Constituição e sobrepõe-se a outras concepções que nos dariam a contribuição do equilíbrio, entre as quais, o entendimento antropológico de Hobbes, sobre o egoísmo humano, de Locke, sobre a autonomia e a responsabilidade dos indivíduos, e ainda de Tocqueville, sobre descentralização e autonomia local e comunitária", aponta o professor. "Não sugiro a inutilização dessa concepção

idílica de Rousseau. Ela também subjaz nobres formulações e atitudes que ao longo da história do Ocidente nos civilizaram e nos engrandeceram. Nessa perspectiva, reconheça-se inclusive que esse humanitarismo fundamenta, na polis, nosso valor mais caro, não necessariamente o mais virtuoso, que é o valor da democracia."

A influência antiaristocrática de Rousseau se revela, porém, no desprezo ao *status quo*, no anti-elitismo, na crítica a tudo que se aproxima do conservadorismo, como a ordem, os bons costumes, a hierarquia, a austeridade, o respeito às regras e, enfim, a tudo que "opreme" o bom selvagem. Sem esquecer da propriedade privada, origem de todos os males sociais de toda a desigualdade, injustiça e exclusão, pontua Birkner. "Nessa perspectiva igualitarista, quando um jovem delinquente invade, fura ou incendia a propriedade alheia, não estaria ele, no fundo, atacando a raiz do problema social? A resposta, aposto, encontramos em nosso subconsciente rousseauiano" acredite o professor, reconhecendo a presença do clamor igualitarista de Rousseau na Constituinte de 1988.

Para além do que foi capaz de promover a Constituição, em 88,

"é preciso entender que o Estado de Bem-estar foi a maior conquista política do século XX". Segundo Birkner, aprendemos como nunca que temos direitos. "Mas o que o século atual exigirá de nós é que reconheçamos e assumamos nossos deveres republicanos, como faz lembrar o economista brasileiro e tocquevilleano Bresser Pereira. No final das contas, desresponsabilizar as pessoas por seus atos é desumanizá-las como lembra certo psicanalista inglês. É destituí-los de autonomia. A mesma coisa acontece com criminosos, sobretudo menores de idade. Sabem que tem direitos, que cabe ao Estado protegê-los, porque incorporam facilmente o discurso de que são vítimas e tem direitos, ao invés de responsabilidade pela sua delinquência", entende o professor, que questiona a eficácia de uma possível redução da maioria penal.

Birkner aguarda mudanças: "A sociedade que precisamos construir não pode mais ter o Estado como protagonista exclusivo que, ao conferir direitos, também atomiza e isola os indivíduos".

Ainda teorizando a atual situação do bem-estar social no Brasil, Carlos Santos cita a visão trazida por Karl Marx sobre a ideia da existência de uma luta

de classes – aqui, com a classe média reivindicando privilégios travestidos de direitos. "Foi rever os mais variados autores e conceitos como os produzidos por Agnes Heller, da origem do totalitarismo de Hanna Arendt, da microfísica do poder de Foucault, do poder simbólico de Pierre Bourdieu, dos conceitos de Rainundo Aron e Norberto Bobbio, dentre outros pensadores estrangeiros e também da construção da América Latina, dos índios de Darcy Ribeiro, da nossa formação econômica e de desenvolvimento de Celso Furtado, de outra globalização de Milton Santos e da pedagogia dos oprimidos de Paulo Freire e não consegui ver outra situação que não aquela de uma luta de classes com matizes diferenciados, sobretudo, para aquelas questões que envolvem redução da maioria penal nos tempos atuais." E pontua: "Sabemos, sim, dos anseios de jovens da periferia pelas benesses da classe média, mas o que podemos dizer de outros jovens aos quais teoricamente nada falta? Não será a ideia desta impunidade que grassa por entre vários setores da

vida pública que serve de exemplo para outros delitos?"

"Teorizar sobre isso é apenas perceber o que Marx já dizia. Não vivemos momento de revolução, vivemos tempos de incertezas, de conflitos sobre os quais parcelas da sociedade não querem e nunca quiseram se debruçar, porque isso lhe retiraria o poder que possuem ao longo da construção desta sociedade.

Caso contrário, há tempos teríamos, ao menos, procurado fazer as reformas tão necessárias no conjunto da sociedade brasileira e, quiçá, a questão dos jovens e da redução da maioria de não estaria em pauta como são os casos das reformas da previdência, agrária, política, educacional, de ocupação dos espaços urbanos... enfim, se não temos coragem para punir um menor que mata alguém como será possível construir mudanças significativas para todos?"

*Jussara Goyano é jornalista e coordena esta publicação

Transcrito da Revista Sociologia

"Todo mundo 'pensando' em deixar um planeta melhor para nossos filhos..."
Quando é que 'pensarão' em deixar filhos melhores para o nosso planeta?
Precisamos começar JÁ!
Uma criança que aprende respeito e a honra dentro de casa e recebe o exemplo vindo de seus pais, torna-se um adulto comprometido em todos os aspectos, inclusive em respeitar o planeta onde vive..."

A práxis cristã na cultura da comunicação

Valdir José de Castro, ssp*

No complexo ambiente atual da comunicação, o cristão é chamado não somente a colocar os instrumentos técnicos a serviço da evangelização, mas a levar para essa cultura um estilo de vida que inclui as atitudes de escuta, respeito, e aceitação das pessoas nas suas realidades concretas, tendo como referência o modo de ser de Jesus de Nazaré

A comunicação é uma experiência humana fundamental. A necessidade de se comunicar fez o homem descobrir, dominar e aperfeiçoar técnicas de comunicação, de modo a transformar o mundo. Hoje, a comunicação não se restringe à soma das várias tecnologias, mas se transformou numa cultura, num ambiente cada vez mais complexo.

Num mundo marcado, por uma variedade de meios de comunicação impressos, eletrônicos e digitais, nem por isso a qualidade da comunicação tem melhorado. Como humanizar a comunicação, por meio da iniciação da fé cristã, num ambiente marcado pelas novas tecnologias que reduzem a comunicação ao seu aspecto instrumental.

1. A complexa realidade da comunicação

A comunicação é um tema abrangente que pode ser situado, pelo menos, em três âmbitos. O primeiro é a comunicação direta, presencial, entre duas ou mais pessoas. O outro é quando o emissor de uma central envia a mensagem para um público ou massa anônimo, como é o caso, por exemplo da televisão, do jornal impresso e do rádio. O terceiro é



o âmbito da comunicação digital, interfacial, virtual, que nasce da conexão na rede de computadores que favorece a interatividade. São vários modos de comunicar, porém, que, no dia a dia, se complementam.

Nunca a comunicação foi um tema tão recorrente e funcionou de forma tão extensiva e intensiva como nos dias atuais. De modo especial, com a chegada das tecnologias da comunicação digital, especialmente a internet, com todos os seus recursos, o mundo ficou ainda mais ao alcance das mãos.

A variedade e a quantidade de instrumentos técnicos inventados pelo engenho humano, especialmente nas três últimas décadas, têm facilitado sobremaneira os contatos entre as pessoas e o acesso a uma variedade de conteúdos e informações. Com a proliferação dos celulares, a comunicação tornou-se ainda mais onipresente, passando a ser móvel e instantânea, revolucionando a noção de espaço e de tempo. Se com o avanço das técnicas aumentaram as possibilidades de comunicação, não podemos afirmar com a mesma certeza em relação à sua qualidade. Ou seja, em geral, o consumo das tecnologias mais avançadas não tem levado as pessoas a uma comunicação mais eficiente.

Este é um aspecto importante, uma vez que o objetivo deste artigo é aprofundar a comunicação na perspectiva cristã, que, antes de tudo, prima pela promoção de uma comunicação plenamente humana, em cuja base está a busca da qualidade dos relacionamentos.

2. O que, de fato, é comunicar?

Vivemos numa época privilegiada se olharmos o mundo na perspectiva do progresso referente aos meios de comunicação, especialmente com o advento dos meios digitais. Cada vez mais as pessoas, desde as mais simples, têm acesso àquilo que chamamos de "novas tecnologias". Hoje, ter um celular ou estar na rede de computadores não é privilégio, embora muita gente continue excluída de seu usufruto. Passou a ser uma necessidade e até um direito.

Porém, não basta estar incluído no ambiente digital. É preciso também saber usar os instrumentos técnicos, de modo a colocá-los a serviço de uma melhor qualidade da comunicação. A televisão, o jornal, o rádio, o celular, as redes sociais e tantos outros meios e formas de comunicação, sem dúvida nos aproximam de quem está longe. No entanto se não usados de maneira apropriada, podem nos afastar de quem está perto.

No fundo do problema não está somente uma questão prática, mas uma situação que exige de nós uma reflexão, mais profunda sobre o fenômeno da comunicação que, na sua base, contém a pergunta: o que de fato, é comunicar? Como tornar a comunicação mais humana e cristã numa cultura na qual predomina a comunicação instrumental, que se atém à difusão de informações? Na busca de respostas, é oportuno recordar que o primeiro significado de comunicação, surgido no século XII, nos remete à ideia de comunhão, de compartilhar (Wolton, 2007, p. 42). Somente a partir do século XVI é que a comunicação apareceu com o sentido de "transmitir", "difundir", inicialmente, com a chegada da imprensa e o surgimento dos livros e dos jornais e, depois, com a invenção do telefone, do rádio, do cinema, da televisão e da internet, sem esquecer o trem, o automóvel e o avião, meios de locomoção que tiveram um papel complementar fundamental (Wolton, 2007, p. 37).

No entanto, a comunicação não está na difusão em massa dos jornais, rádios, televisões, revistas, publicidades de rua e semelhantes; aí ela é apenas difusão. Alguém emite sinais ou informações e alguém as capta (Marcondes Filho, 2004, p. 15). Nem sempre

está, igualmente, por exemplo, nas redes sociais, que podem, se transformar apenas num lugar de exibição de dados pessoais, opiniões, fotografias etc. De fato, muitas pessoas aceitam que uma troca de mensagens por computador já é um diálogo, que o fato de transmitir o próprio rosto por câmera fotográfica doméstica é estar junto com o outro. Na realidade, alguém pode estar exibindo uma infinidade de dados pessoais ou ter milhares de "amigos" registrados em sua conta, como no caso do Facebook, e ter a sensação de estar sozinho.

Para compreender a comunicação numa perspectiva humana, é preciso ir além da ideia de difusão ou de intercâmbio de informações ou dados. Os computadores já fazem isso muito bem e até melhor do que os seres humanos, ao levarmos em conta a sua genial capacidade de armazenar quantidades de informação e a velocidade com que desenvolvem a interação.

A comunicação vai mais além. É espaço de comunhão. Não se limita à quantidade de informações que passamos ou recebemos, mas comprehende o escutar, o expressar-se, o compartilhar as ideias, os sentimentos, os desejos e tudo o que nos define como seres humanos.

3. Por uma comunicação mais humana

A compreensão da comunicação do ponto de vista da comunhão não supõe reconhecer o outro e ser reconhecido como "pessoa". De fato, não existimos senão porque o outro, meu próximo, ou o outro, o social me dá existência. Sou determinada pessoa porque o outro me reconhece como tal (Maffesoli, 2003, p. 32). Sentir-se "pessoa" supõe necessariamente ser validado pelo outro. É uma questão de reconhecimento, que necessariamente está no início do processo da comunicação.

E quem, de fato, é o outro? O outro, para os meios de comunicação social, em geral, é o consumidor. Aquele que consome notícias, revistas, novelas, programas de auditório, publicidades e tudo o que gera lucro para as empresas. O outro, nas páginas da internet, especialmente nas redes sociais, é aquele que navega, visita, procura, posta fotografias e mensagens, que tem acesso às informações e conteúdos, que satisfaz a necessidade de ser reconhecido ou, pelo menos, de ser percebido.

O filósofo Berkeley já dizia, no século XVII, que "ser é ser percebido". Nesse sentido que excelente vitrine é a internet! Isso não significa que a internet não tenha a sua importância como lugar para

fazer contatos com conhecidos e familiares, bem como para ampliá-los, além de ser espaço para os negócios, estudos, e acesso a uma infinidade de informações.

A comunicação humana, enquanto comunhão, supera a visão mercantilista do ser humano e mesmo a exposição narcísica. Também não se reduz à troca de informações, mas supõe criar um espaço vital entre os interagentes, no qual eles se sentem minimamente gratificados e satisfeitos em suas necessidades básicas de afeto, compreensão e aceitação. Supõe criar um ambiente comum em que os dois lados interagem e extraem de sua participação algo novo, inesperado, que não estava em nenhum deles, e que altera o estatuto anterior de ambos, apesar das diferenças individuais se manterem (Marcondes Filho, 2004, p. 15). Se alguém, no mundo presencial ou virtual, chega a uma relação assim, já está no processo da comunicação como comunhão, que supõe o esforço de escutar, respeitar e acolher o outro.

4. Três atitudes básicas da comunicação

A comunicação, do ponto de vista da comunhão, é um "processo". Isso significa que não existe uma comunicação perfeita e acabada. Ela pode crescer ou

regredir, pode ser interrompida ou reiniciada. Está ligada à situação existencial de cada pessoa, com suas alegrias e tristezas, com suas dificuldades e conquistas. Depende da situação psicológica de cada interlocutor ou da presença de ruídos na comunicação.

Porém, um dado é certo. A comunicação não se desenvolve se não há escuta. A "escuta" é um elemento fundamental. A escuta é uma das atitudes básicas sem a qual a comunicação não se dá de maneira eficiente. E o que significa escutar? Antes de tudo, escutar não é simplesmente "ouvir". Às vezes alguém pode ouvir outra pessoa e, mesmo assim, não escutá-la, preferindo ficar fechado nos seus pensamentos e permanecer em sua visão de mundo.

Escutar exige abertura ao outro. É ver o outro na sua situação existencial concreta, não como imaginamos ou queremos que ele seja, mas como, de fato, ele é. Muitos conflitos nas relações humanas se dão porque não há escuta e, por isso, as palavras são mal usadas. Quando há escuta, as palavras são elaboradas de maneira mais acertada, e podem evitar mal-entendidos e rupturas.

Escutar tem a ver com a percepção do outro, mas também com o silêncio. Silêncio e palavra são duas

posturas que, se bem dosadas, contribuem para que o processo de comunicação flua de maneira serena. São "dois momentos da comunicação que se devem equilibrar, alternar e integrar entre si para se obter um diálogo autêntico e uma união profunda entre as pessoas. Quando palavra e silêncio se excluem mutuamente, a comunicação deteriora-se porque provoca um certo aturdimento ou, no caso contrário, cria um clima de indiferença; quando, porém, se integram reciprocamente, a comunicação ganha valor e significado" (Bento XVI, 2012).

Além da escuta, outra atitude básica da comunicação é o respeito. Respeitar o outro significa aceitá-lo, considerando as diferenças pessoais. O respeito supõe a libertação de todos os preconceitos de sexo, raça, religião, cultura etc. Podemos não aceitar as ideias de alguém, mas não é por isso que iremos rejeitar a sua pessoa e desprezar a sua dignidade.

Onde não há respeito, não há acolhida, outra atitude básica da comunicação. Acolher é sair de si mesmo. É ir em direção ao outro. É estar aberto para aceitá-lo como ele é. O "sair" não só leva a pessoa ao encontro do outro, mas é também uma atitude salutar. Sem "sair" não há descoberta nem do mundo nem dos outros.

É assim que os cristãos são chamados a se relacionar, na perspectiva da comunicação como comumhão, a exemplo de Jesus. Ele soube escutar, respeitar e acolher as pessoas nas suas situações existenciais. Saiu de si mesmo e foi em direção das pessoas, especialmente das mais necessitadas de amor, afeto, perdão, solidariedade, pão, justiça e paz.

O estilo cristão de comunicar

Por "estilo" entendemos "um modo de vida", "procedimento", "atitude", "maneira de ser". Os cristãos dos primeiros séculos eram reconhecidos não tanto pelo conjunto de leis e doutrinas que conheciam a nível teórico, mas pelas ações que praticavam inspiradas em Jesus de Nazaré.

Desde o inicio do cristianismo, comunicação e práxis são duas realidades que se complementam. O que é a boa notícia senão a comunicação da Palavra de Deus com o próprio testemunho de vida? De fato, Jesus havia dito que todos reconheceriam quem eram seus discípulos se amassem uns aos outros, se comunicassem amor e respeito reciprocamente, na prática.

Jesus dá o exemplo com sua vida dedicada totalmente ao anúncio da boa-nova, marcada por gestos que comunicavam os sinais da presença do reino de Deus no mundo.

Recordemos que, com frequência, o ensinamento de Jesus adquiria a forma de parábolas e histórias vividas, expressando verdades profundas com termos simples, quotidianos. Não só as suas palavras, mas também as suas obras, especialmente os seus milagres, eram atos de comunicação que indicavam a sua identidade e manifestavam o poder de Deus. Nas suas comunicações, demonstrava respeito pelos seus ouvintes, simpatia pela sua condição e necessidades, compaixão pelos seus sofrimentos e determinação em dizer-lhes o que elas precisavam ouvir, de maneira a chamar a sua atenção e a ajudá-los a receber a sua mensagem, sem coerção nem arranjo, sem deceção nem manipulação. Ele convivia os outros a abrirem a própria mente e coração, consciente de que este era o modo de atraí-los a ele e ao seu Pai (Ética nas comunicações, n.º 32,2000).

Jesus viveu a comunicação como comumhão com homens, mulheres, crianças, especialmente com os mais sofridos e esquecidos da sociedade. Na sua missão, escutou, respeitou e acolheu as pessoas nas suas situações concretas. Buscou oferecer uma melhor qualidade de vida espiritual, material, psicológica e social. Viveu um estilo de vida no qual toda ela era comunicação que gerava comumhão.

5. A Igreja na cultura da comunicação

O cristão tem a Bíblia como importante fonte de espiritualidade. Toda a revelação bíblica é comunicação por excelência. Deus se comunica porque rompe o silêncio. Não somos nós a buscar Deus, é ele que nos procura, ou seja, na raiz está a Palavra de Deus que parte por primeiro, que rompe o silêncio. No princípio está a "Palavra", como diz o Evangelho de João, que é a comunicação de Deus. E Deus, na sua essência - Pai, Filho e Espírito Santo - é comunicação, é comumhão.

Jesus é a Palavra de Deus que se faz carne, que vem ao mundo anunciar a boa notícia. A boa notícia, que foi a atividade principal de Jesus, é também a tarefa da Igreja, a comunidade dos seus discípulos e discípulas. A boa notícia não se restringe à palavra de Jesus repetida aleatoriamente, mas transformada em ação a favor da vida, a ser entranhada no campo pessoal, comunitário e social, em cuja peleja a comunicação tem papel fundamental.

Em comunidade, os cristãos são chamados, hoje, a viver a comunicação como comumhão, numa cultura complexa, na qual estão presentes os meios de comunicação impressos, eletrônicos e digitais. A Igreja é consciente de que

os meios de comunicação constituem bem mais que simples instrumentos. Isso significa viver nas relações inter-pessoais a comumhão que subentende, dentre outras atitudes, a escuta, o respeito e a acolhida do outro.

Conclusão

Evidentemente, a comunicação, em perspectiva humana e cristã, pode ser vista sob vários ângulos. Este artigo buscou delimitar o tema e refletir a comunicação especificamente do ponto de vista da comumhão, numa cultura tecida per uma variedade de meios impressos, eletrônicos e digitais que, não obstante sejam positivos e necessários, também dispersam e fragmentam as relações humanas, dependendo d'á maneira como são usados.

No atual ambiente comunicacional, a mídia tradicional não sómente convive com a digital, mas converge para essa. Os meios de comunicação de massa convivem com a forte interatividade multi-mediática, cujo símbolo é a internet. Essa cultura está gerando novos modos de comunicar, novas linguagens novas atitudes psicológicas.

As tecnologias da comunicação têm possibilitado contatos rápidos e simultâneos, assim como têm favorecido a troca de informações

com os recursos do som, da imagem, da escrita, mas nem por isso a sua qualidade tem melhorado. As pessoas não têm se entendido melhor porque consomem as novidades digitais que o mercado oferece a cada dia.

O assunto referente à qualidade da comunicação tem tudo a ver com a missão evangelizadora da Igreja, cujo objetivo é humanizar, à luz da vida e missão de Jesus, o mundo das relações humanas. No entanto, esse escopo somente poderá ser alcançado quando a comunicação, em todos os seus aspectos, puser o ser humano no centro, ou seja, quando todo o sistema de mídia for colocado a serviço da pessoa humana e não o contrário. Isso significa favorecer as relações humanas a partir de atitudes concretas, dentre estas, a escuta, o respeito e a acolhida, que geram comunhão; De fato, a "comunhão" atualiza-se mediante processos que implicam um dizer (anúncio) e um fazer (celebração e relações). Por força de tais processos, realiza-se uma dilatação da experiência originária de estar com Jesus, até incluir-se toda a humanidade (CNBB, 2011, n. 371)

A Igreja, entendida como a comunidade dos discípulos e discípulas de Jesus, não se reduz a transmissora da fé, mas faz parte da sua missão crescer na comunica-

ção, desde dentro. Nesse sentido, ela é chamada a pôr-se em "religiosa escuta" da Palavra, reconhecendo-a como dom a panilhar com todos os homens e mulheres (CNBB, 2011, 27), no contexto cultural em que esses vivem.

No complexo ambiente atual da comunicação, o cristão é chamado não somente a colocar os instrumentos técnicos a serviço da evangelização, mas a levar para essa cultura um estilo de vida que inclui as atitudes de escuta, respeito e aceitação das pessoas nas suas realidades concretas, tendo como referência o modo de ser de Jesus de Nazaré, o "comunicador perfeito". Isso significa empenhar-se para uma melhor qualidade de vida, a partir de uma comunicação inspirada nos valores cristãos que orientam os sentimentos, os desejos, os projetos, as expectativas e o tempo, levando a viver com responsabilidade a própria vida e as relações que a tecem.

* Padre paulino é graduado em jornalismo e teologia, mestre em Comunicação Social pela faculdade Cásper Líbero (SP) e em Teologia, com especialização em espiritualidade pela Universidade Gregoriana (Roma). Atualmente cursa doutorado em Comunicação Publicou pela Paulus o livro *Uma espiritualidade para nosso tempo à luz do apóstolo Paulo*

Transcrito da Vida Pastoral, n.293

MFC

MOVIMENTO FAMILIAR CRISTÃO

EDITORIA & PUBLICAÇÕES

Atendimento aos assinantes, assinaturas novas, renovações e números anteriores

Distribuidora Fato e Razão

Rua Barão de Santa Helena, 68 Granbery CEP: 36010-520 - Juiz de Fora - MG Telefone (32) 3214.2952 (De 13:00 às 17:00 h)
Endereço eletrônico: livraria.mfc@gmail.com

Venda de Livros, Revistas e Temários do MFC, pedidos e encomendas para remessa postal

Livraria do MFC

Rua Barão de Santa Helena, 68 - Granbery CEP: 36010-520
Juiz de Fora - MG - Telefone: (32)3214.2952 (De 13:00 às 17:00 h)
livraria.mfc@gmail.com

Publicações disponíveis na Livraria MFC

Temários de Reuniões

Preto no branco
Um passo adiante

Fato e Razão

Números anteriores

Livros

Amor e Casamento
Descomplicando a Fé
Eis o MFC
Cuidado Frágil

Colaborações e cartas de leitores

Coordenação da Equipe de Redação de Fato e Razão

RUA DO SAMPAIO, 360 APTº 801 - CEP 36010-360
JUIZ DE FORA/MG